

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Psicologia e Ciências da Educação

***CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO PORTUGUESA
DA ESCALA DE SATISFAÇÃO MARITAL ENRICH***

Andreia Lima Leal

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho realizado sobre a orientação da Professora Doutora Cristina Nunes

2020

Andreia Lima Leal

***CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS DA VERSÃO PORTUGUESA
DA ESCALA DE SATISFAÇÃO MARITAL ENRICH***

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho realizado sobre a orientação da Professora Doutora Cristina Nunes

Universidade do Algarve

2020

Características psicométricas da versão portuguesa da Escala de Satisfação Marital ENRICH

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Andreia Lima Leal)

Copyright by

Andreia Lima Leal

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

*“Sabemos que toda a obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas
contemplações estéticas será a daquilo que escrevemos”*

Fernando Pessoa

Agradecimentos

Quando embarcamos numa aventura, o destino, por vezes, não é o que nos vai fazer lembrar dela. São as estradas, os desafios, as gargalhadas e as pessoas com que nos fomos cruzando que tornam aquela aventura, a aventura de uma vida. Nesta aventura, este momento final, apesar de muito importante, não será o que de mais importante ficará. As descobertas que fiz ao longo destes anos de entrega e resiliência serão o maior motivo de orgulho para mim. Tal como em qualquer aventura, o caminhar faz-se acompanhado por quem conosco partilha o espírito, as demandas, o suor e até o alimento.

À Professora Cristina Nunes... um obrigado não reflete a imensa admiração que tenho por si, o quanto lhe estou grata por não ter desistido de me amparar, guiar e orientar. Um Professor, por vezes, é mais que um título académico, é ser uma inspiração para os que o rodeiam e principalmente é não os deixar desistir da caminhada. Muito obrigada pela bússola que foi para mim e por todas as vezes que me disse “*Não sejas tola rapariga, claro que consegues*”, todas elas me fizeram acreditar que, se a Professora acreditava em mim, eu não a poderia desiludir.

À Maria pelas gargalhadas e pela força constante durante este percurso. Foste e serás a minha Vice, a minha psicanalista de plantão e aquela que melhor que ninguém entendeu como esta caminhada foi necessária. A amizade faz-se de riso, cafés, superações e feminismo entre nós e espero que isso nunca mude.

À minha família pelo apoio e principalmente à minha Mãe pelo exemplo de vida. As grandes mulheres não são ditadas pelos títulos académicos que precedem o seu nome, mas sim pela força com que seguem o seu caminho. Tenho imenso orgulho de ser filha da “apenas” D. Rosa.

Ao João que foi o comandante do navio tantas vezes, que me elevou a ser melhor e que não desistiu da caminhada. Obrigada por teres acreditado que eu precisava de mais para poder ser mais. Obrigada pelas vezes em que esta caminhada foi aos teus ombros, com amparo, dedicação, sacrifício e dor e por nunca teres tido dúvidas que a aventura só fazia sentido assim. Obrigada pelo colo, pelo amor, mas principalmente, por seres o companheiro desta viagem que em dez anos já teve tantos destinos alcançados e que irá ter tantos mais pelo caminho! Conseguimos meu amor! Mais uma vez conseguimos!

À minha filha Lorena... Sabes Nana, a inspiração por vezes esconde-se em nós, num sítio difícil de alcançar. Sou mais porque quero que, quando olhares para mim, vejas que não há desafio, dificuldade ou alguém que mande mais no nosso destino do que nós próprias. Que saibas que também foi por ti e contigo que esta aventura teve lugar e que sem aquilo que me inspiras, a aventura não teria chegado ao seu destino final. Amo-te mais do que amo os livros e espero que me perdoes por todas as vezes que não pude ser mais mãe porque os livros estavam lá. A tua mãe é feita de resiliência e espero que um dia te orgulhes disso.

À Vida...obrigada pelo caminho tortuoso. Agora vê que, haja o que houver, nada é mais nosso do que a vontade de sermos mais do que aquilo que esperavam que fossemos.

Resumo: A satisfação marital tem uma enorme importância nas relações familiares com consequências diretas na vivência da parentalidade. Este estudo tem como objetivo analisar as características psicométricas da versão portuguesa da Escala de Satisfação Marital ENRICH, analisar a validade convergente do instrumento com medidas do funcionamento familiar e a validade discriminante do mesmo com medidas de stresse parental. O estudo contou com uma amostra de 205 famílias residentes no Algarve, com filhos com idades compreendidas entre 1 e 13 anos de idade. Os resultados confirmaram uma estrutura bifatorial do modelo e uma boa consistência interna ($\alpha = ,87$) tendo havido a necessidade de ajustar o modelo. Observámos uma relação significativa e positiva entre a satisfação marital e a aliança parental e uma relação significativa e negativa com o stresse parental. Os resultados obtidos na análise fatorial confirmatória suportaram a utilização do instrumento na avaliação da satisfação marital na população portuguesa.

Palavras- chave: Aliança Parental; ENRICH; Escala de Satisfação Marital; Escalas Psicológicas; Evidências de validade; Psicometria; Satisfação Marital; Satisfação no Relacionamento; Stress Parental.

Abstract: Marital satisfaction has an establishing importance within family relationships and consequences on the parenting experience. This study aims to analyse the psychometric characteristics of the Portuguese version of the ENRICH Marital Satisfaction Scale as well as to analyse the convergent validity of the family functioning measures along with the discriminant validity of the parental stress measures. The study included a sample of 205 families residing in the region of the Algarve in Portugal, with children aged between 1 and 13 years old. The results confirmed a bifactorial structure of the model and a virtuous internal consistency ($\alpha = ,87$) what led to the need to review the model. We observed a significant and positive correlation between marital satisfaction and parental alliance measures and a significant and negative correlation regard to parental stress. The obtained results in the confirmatory factor analysis supported the use of the instrument in the assessment of Marital Satisfaction in the Portuguese population.

Keywords: ENRICH Marital Satisfaction Scale; Evidence of validity; Marital Satisfaction; Parenting Alliance; Parenting Stress; Psychological scales; Psychometrics; Relationship Satisfaction.

Índice

Introdução.....	1
1. Capítulo 1- Satisfação Marital.....	3
1.1. Definição de Satisfação Marital.....	3
1.2. Satisfação Marital, Saúde e Bem-estar.....	5
1.3. Relações entre Satisfação Marital e a Parentalidade.....	6
1.4. Avaliação da Satisfação Marital.....	16
1.4.1. Kansas Marital Satisfaction Scale.....	17
1.4.2. Escala de Avaliação do Relacionamento de Hendrick – EAR.....	18
1.4.3. Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Wachelke e colaboradores.....	18
1.4.4. Revised Dyadic Adjustmen Scale- R-DAS.....	19
1.4.5. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas Conjugais- EASAVIC.....	20
1.4.6. Escala de Ajustamento Diádico– EAD.....	21
1.4.7. Evaluating & Nurturing Relationship Issues, Communication, Happiness- ENRICH Inventory.....	22
1.5. Descrição da Escala de Satisfação Marital ENRICH.....	23
2. Capítulo 2- Objetivos.....	26
2.1. Objetivos do estudo.....	26
3. Capítulo 3- Metodologia.....	26
3.1. Amostra.....	26

3.2. Instrumentos.....	27
3.3. Procedimentos de recolha de dados.....	29
3.4. Plano de análise dos dados.....	29
4. Capítulo 4 – Resultados.....	30
4.1. Características dos participantes.....	30
4.2. Análise descritiva inicial da Escala de Satisfação Marital ENRICH.....	32
4.3. Análise fatorial confirmatória.....	37
4.4. Análise da validade convergente e divergente do instrumento.....	40
5. Capítulo 5 – Discussão.....	41
6. Capítulo 6- Conclusões e Limitações.....	47
Referências Bibliográficas.....	49

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo dos Determinantes da Parentalidade de Belsky.....	10
Figura 2. Modelo do Stresse Parental de Abidin.....	12
Figura 3. Modelo Teórico do comportamento parental de Abidin.....	13
Figura 4. Dados sociodemográficos- Tipo de família.....	31
Figura 5. Dados sociodemográficos- Nível de escolaridade.....	31
Figura 6. Dados sociodemográficos- Tipo de trabalho.....	32

Figura 7. Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Satisfação Marital

ENRICH.....	38
-------------	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. Itens da Escala de Satisfação Marital ENRICH -Versão Feminina...	33
Tabela 2. Tabela de percentis da avaliação da Satisfação Marital da amostra...	34
Tabela 3. Estatística descritiva para a Escala de Satisfação Marital ENRICH...	35
Tabela 4. Análise da capacidade discriminante dos 15 itens originais da Escala de Satisfação Marital ENRICH para as famílias da amostra.....	36
Tabela 5. Qualidade dos índices de ajuste para diferentes modelos da Escala de Satisfação Marital ENRICH.....	37
Tabela 6. Análise dos principais componentes da solução de dois fatores.....	39
Tabela 7. Alfas de Cronbach, média das correlações inter-itens e correlações item-total corrigidas.....	39
Tabela 8. Relação entre a Satisfação Marital, Aliança Parental e Stresse Parental.....	40

Índice de Anexos

Anexo A- Consentimento Informado.....	69
Anexo B- Escala de Satisfação Marital ENRICH.....	70

Siglas e abreviaturas

EAR-Escala de Avaliação do Relacionamento de Hendrick – EAR

RDAS- Revised Dyadic Adjustmen Scale- R-DAS

EASAVIC- Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas Conjugais

EAD- Escala de Ajustamento Diádico– EAD

EMS - Escala de Satisfação Marital ENRICH

PAI- Parenting Alliance Inventory

PSI-SF- Índice de Stresse Parental- versão reduzida

Introdução

O relacionamento conjugal e a satisfação com o mesmo têm sido objeto de estudo de diversas ciências, incluindo da Psicologia, há muito tempo (Hatfield et al., 2012). Os investigadores tentam perceber de que forma a relação amorosa com o outro pode ter consequências na vida familiar e na parentalidade e de que maneira podemos medir um construto tão subjetivo quanto a satisfação marital. A satisfação marital caracteriza-se por ser um constructo que, além de subjetivo, pode ser permeável e de difícil acesso. Tentar medir o nível de satisfação marital parte de um julgamento cognitivo sobre um relacionamento amoroso em que o outro, muitas vezes, partilha a função parental. Instrumentos fiáveis e que consigam aceder a este domínio tornam-se numa mais valia quer para os investigadores, quer para terapeutas, quer para os indivíduos que procuram vivenciar as suas relações e dinâmicas familiares de uma forma mais adequada e funcional.

Este trabalho propõe avaliar as características psicométricas de um dos instrumentos medidores da satisfação marital e tem como objetivo ao fazê-lo, auxiliar na compreensão do mesmo. Perceber se a Escala de Satisfação Marital ENRICH de Fowers e Olson (1993) não só apresentará características psicométricas adequadas para a população portuguesa, como também, se apresenta validade convergente com medidas de funcionamento familiar (no caso específico da aliança parental) e validade discriminante com uma medida de stresse parental, permitir-nos-á estabelecer relações entre os 3 construtos e assumir a sua inter-relação no domínio das relações.

A parentalidade é um dos domínios mais importantes da Psicologia. A forma como as relações entre os progenitores e a prole se estabelecem e as possíveis

consequências que influências externas (como o nível de satisfação marital) podem ter nelas são um dos campos mais férteis da Psicologia. Numa altura em que, contextualmente, nos vemos a braços com uma crise marcante no mundo e em que uma pandemia veio alterar a forma como as experiências relacionais, profissionais e sociais se desenrolam, estudos que nos permitam perceber melhor como podemos proactivamente perceber e fortalecer as relações familiares tornam-se de extrema importância.

O presente estudo está organizado em duas partes distintas: numa primeira parte propomos-nos a fazer um enquadramento teórico sobre a satisfação marital, as suas implicações na saúde física e mental, na parentalidade e os instrumentos disponíveis para o seu entendimento; numa segunda parte, em que, de forma empírica, nos propomos a analisar as características psicométricas da Escala de Satisfação Marital ENRICH de Fowers e Olson (1993), a sua relação com o Inventário de Aliança Parental e com o Índice de Stresse Parental- versão reduzida, tentando perceber se existe algum tipo de relação entre estas dimensões.

O entendimento do indivíduo de forma holística e sistémica, a necessidade de fomentar dinâmicas e relações familiares funcionais e equilibradas e a procura de instrumentos fidedignos e capazes de auxiliar investigadores e intervenções psico-educativas no campo da parentalidade e do casal, foram o mote para este estudo.

Capítulo 1- Satisfação marital

1.1. Definição de satisfação marital

O início da vida a dois começa, muitas vezes, por ser o início de uma nova etapa pessoal e familiar. Funcionando como uma identidade própria, o casal, ainda que mantenha a sua individualidade, dá origem a uma nova entidade, com uma forma de estar e de se relacionar única. Na vivência desta nova relação, e até do ciclo de vida familiar em que a mesma se encontra, novos desafios tomam lugar entre a díade podendo, os mesmos, afetar os níveis de satisfação marital e a própria vivência da parentalidade.

O termo “Satisfação Marital” tem vindo a ser utilizado a par de satisfação conjugal, qualidade conjugal, ajustamento conjugal e sucesso conjugal para descrever um conjunto de sentimentos e sensações de afeição, segurança, bem-estar, companheirismo e de expectativas sobre as trocas relacionais numa relação (Li & Fung, 2011; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). Ainda que o conceito tenha vindo a ser discutido na sua subjetividade e que continue envolto em alguma confusão terminológica, podemos assumir que satisfação marital diz respeito a uma relação entre expectativas e desejos que os parceiros têm sobre o seu relacionamento íntimo e amoroso e a influência dessas expectativas sobre o mesmo. A avaliação pessoal e subjetiva da relação e da qualidade da mesma é entendida, desta feita, por satisfação marital (Li & Fung, 2011; Narciso & Ribeiro, 2009). A satisfação marital poderá ser representada num modelo em forma de U: elevada nos primeiros anos da relação, declina posteriormente nos anos intermédios com a influência da parentalidade e por fim atinge valores mais altos nos últimos anos. A partida dos filhos e as alterações que daí decorrem na conjugalidade poderão estar na génese desta recuperação (Narciso, 2001; Pérez & Estrada, 2006; Stephen & Raj, 2014; Sternberg, 1989).

Segundo o Modelo Integrativo de Whisman (1997; 2019), a satisfação conjugal poderá ser avaliada como menor ou maior em função de fatores intra e interpessoais, fatores contextuais e pela inter-relação entre eles. As características da personalidade, as cognições, os padrões afetivos e de vinculação de cada sujeito seriam responsáveis por uma cota parte da avaliação da satisfação na relação. A par destes, também os fatores relacionados com a relação interpessoal assumiriam uma preponderância relevante, os estilos de comunicação e de resolução de conflitos e as semelhanças entre os cônjuges moldariam a relação a dois e a construção do “nós”. Se olharmos para o “nós” como uma construção dinâmica e evolutiva que se desenvolve num determinado contexto e momento, teremos de anuir quanto à importância que esse mesmo contexto e momento arrogam: os fatores contextuais em que a relação se enquadra, o meio e os sistemas envolventes são decisivos no tipo de relação que se estabelece entre duas pessoas que se querem uma só. Seria *naïve* até, descontextualizar a relação marital de todas as outras relações e contextos em que o sujeito está inserido.

Narciso e Ribeiro (2009) afirmam que a comunicação (a expressão de sentimentos de intimidade e de amor e a expressão e resolução de dificuldades inerentes à vida), as relações com as redes sociais e familiares, o poder e os significados, a resolução de conflitos e a satisfação sexual, são os fatores intra, interpessoais e contextuais com maior incidência nos níveis de satisfação marital. Salientam ainda, que acontecimentos de vida stressantes podem influenciar as relações conjugais e conseqüentemente, os níveis de satisfação marital.

O casal, organismo vivo e evolutivo, deve ser olhado numa perspectiva sistémica, para que possamos entender quais os fatores que influenciam a transformação do “eu e tu” em “nós”, de que forma os níveis de satisfação na relação são importantes na mesma e que tipo de contribuição podem ter nos outros campos relacionais dos sujeitos, principalmente nas relações parentais.

1.2. Satisfação Marital, Saúde e Bem-estar

Ainda que estabeleçamos uma panóplia de relações ao longo da vida, a relação amorosa, e por consequente a relação conjugal, assume-se como uma relação de extrema importância para o ser humano. O tecido relacional que, nesta relação, se cria e vai sendo criado assume uma preponderância difícil de equiparar. A satisfação marital é o mais forte preditor de felicidade em muitas áreas da vida (Russell & Wells, 1994) e a variável com maior relação com o bem-estar psicológico quer nos homens, quer nas mulheres (Mugford & Lally, 1981). Sujeitos casados são, regra geral, mais felizes e mais saudáveis (Vanassche, Swicegood, & Matthijs, 2013).

A satisfação marital, é entendida ainda, como um dos critérios de bem (ou mal) estar em relação à vida e como uma variável responsável por sentimentos de prazer e de felicidade em geral (Narciso, 1994/1995). Pesquisas americanas demonstram que a satisfação marital é vista até, para certas amostras, como o domínio de vida mais importante, destronando para segundo plano, áreas como a saúde ou a área financeira (Doherty & Jacobson, 1982).

A satisfação marital tem vindo a ser apresentada como uma das variáveis afetas à saúde mental e à psicopatologia, especificamente ao nível do bem-estar pessoal, do risco de depressão e da ansiedade (Fincham & Beach, 2010; Wade & Pevalin, 2004; Whisman, 2007;). Ter um casamento satisfatório está associado a um melhor ajustamento e a menos problemas de saúde (Bray & Jouriles, 1995). Pelo contrário, o conflito conjugal e a angústia marital, constituem fatores de risco para a disfuncionalidade e para a psicopatologia (Coie et al., 1993 citados por Litzinger & Gordon, 2005; Kiecolt-Glaser, Gouin, & Hantsoo, 2010). Apresenta-se, concomitantemente, como uma variável a valorizar no que concerne à saúde física e à longevidade (Johnson et al., 2000, citado por Kardatzke, 2009; Murray, 2000 citado por Litzinger & Gordon, 2005), à condição do sistema cardiovascular, imunitário, endocrinológico,

a situações oncológicas (Whisman, 2007), doenças orgânicas e transtornos psicológicos, como variável protetora para a saúde mental da mulher grávida (Castanheira, Correia & Costa, 2007) e como fonte de apoio social relativamente a eventos stressantes (Scorsolini-Comin & Santos, 2012). As pesquisas indicam ainda, uma correlação entre o construto e a satisfação com a vida (Scorsolini-Comin & Santos, 2010) e uma associação positiva com a satisfação sexual (Garcia & Cano, 2009; Lawrance & Byers, 1995; McGuire & Barber, 2010; Narciso e Costa, 1996; Yeh, Lorenz, Wickrama, Conger & Elder, 2006).

A nível social, a literatura aponta para a sua implicância na diminuição da atividade criminosa, no uso de substâncias, no risco de suicídio (Laub, Nagin, & Sampson, 1998) e numa avaliação mais positiva no que concerne ao bem-estar económico comparativamente aos indivíduos solteiros (Johnson et al., 2000 citado por Kardatzke, 2009).

1.3. Relações entre Satisfação Marital e a Parentalidade

Na vivência das relações familiares e na transição e vivência da parentalidade, as multiplicidades dos subsistemas intrafamiliares acabam por se cruzar e influenciar reciprocamente. Cada sistema beneficia, ou é prejudicado, pelos subsistemas relacionais em que está inserido (Minuchin, 1985; Pollmann-Schult, 2014). Assim, as relações entre a criança, a mãe, o pai e a própria relação co-parental, assumem, não só, uma influência extremamente importante na paternidade (Doherty et al., 1998), como também na aceitação e adequação da família na sociedade onde está inserida.

Cada vez mais, a sociedade, procura perceber de que forma poderá proteger as suas crianças e as famílias. Os direitos das crianças, através da publicação do documento enunciador do conjunto de direitos fundamentais das mesmas, publicado em 1989, veio revolucionar a forma como os direitos civis, políticos, sociais e culturais das crianças eram entendidos até

então. Com a aceitação da Convenção sobre os Direitos da Criança, a sociedade no geral, passa a olhar as mesmas, não como propriedade da família, mas sim como entidades próprias e com direitos também eles próprios e indissolúveis (UNICEF, 2016).

Na verdade, as crianças, além de observadas continuamente pelos seus cuidadores, passam também a sê-lo pela sociedade, a qual, mais do que observante do desenvolvimento das mesmas, passa a ser, e cada vez de forma mais atenta, observante do comportamento, ações, responsabilidade, práticas e estilo parentais dos seus cuidadores.

Com uma maior abertura da própria família à sociedade e a cuidadores secundários, a verdade é, que as próprias relações intrafamiliares sofreram alterações. Alguns comportamentos dos pais culturalmente aceites, passaram desta feita, a ser alvo do olhar escrutinador do grande público e alvo de processos constitucionais e sociais. A saúde da família passa, assim, a ser responsabilidade conjunta e partilhada, sendo a interdependência das suas relações internas, alvo do olhar analítico de quem a rodeia.

A sociedade interessa-se agora em compreender os fatores subjacentes ao funcionamento familiar e de que forma a interdependência entre as intra relações poderá estar na génese de problemas sociais alarmantes e específicos. Assim, o entendimento desta interdependência vai de encontro com a premissa de que, níveis mais elevados de satisfação marital poderão estar relacionados com a vivência da parentalidade, com uma maior envolvimento na relação parental (Christopher, Umemura, Mann, Jacobvitz, & Hazen, 2015; Lee & Doherty, 2007) e com uma maior funcionalidade familiar. Famílias mais funcionais poderão ser a base de uma sociedade mais equilibrada, com menor disfuncionalidade e com uma maior capacidade protetora, quer no que diz respeito às suas crianças, quer no que concerne ao risco psicossocial dos seus membros. A interrelacionalidade entre sistemas acaba por ser refletida inclusive ao nível do desenvolvimento e saúde mental dos filhos: Mosmann, Costa, Silva, & Luz, (2018) apontam para a relação entre a satisfação conjugal e a saúde da prole, com a habilidade

na resolução de conflitos conjugais a apresentar-se como um fator primordial no exercício da própria parentalidade. A saúde da prole acaba por refletir a própria saúde relacional do casal.

Belsky, no seu Modelo sobre os Determinantes da Parentalidade (1984), apresenta uma visão que presume que a relação parental está assente em três vértices: nas características individuais das crianças (e.g. o seu temperamento); nas características pessoais dos pais (personalidade e psicopatologia) e no contexto social alargado no qual a parentalidade toma lugar (sendo a qualidade da relação marital um dos determinantes mais importantes neste domínio) (Abidin, 1992; Abidin, 2012; Belsky & Jafee, 2015).

Na visão de Belsky (1984), a parentalidade é influenciada por características internas do indivíduo, do seu funcionamento mental e da sua personalidade. Produto não só da história desenvolvimental do sujeito como das relações conjugais, redes sociais e contexto laboral em que o mesmo se insere, este somatório de histórias, contextos, partilhas e a reciprocidade entre eles condicionaria o indivíduo, a sua relação conjugal, o funcionamento das redes sociais de apoio, as suas experiências ocupacionais, a vivência e o papel da parentalidade e em última instância o próprio desenvolvimento infantil da prole.

Mais tarde, numa revisão do próprio modelo, sugere que determinados fatores da personalidade poderiam ser facilitadores da função parental: indivíduos com menores traços de neuroticismo, maiores níveis de extroversão e amabilidade, maior abertura a experiências e de conscienciosidade poderiam apresentar indicadores mais altos de um padrão relacional mais responsivo, de maior suporte e de maior estimulação intelectual (Belsky & Jafee, 2015; Vondra, Sysko, & Belsky, 2005).

A leitura deste modelo invoca que, do mesmo modo, as características das crianças (e.g. temperamento: maior negatividade, irritabilidade persistente ou baixa sociabilidade), teriam um papel determinante na parentalidade. Ainda que Belsky (1984) ressalvasse que, as características das crianças não eram uma influência direta mas sim indireta do processo (sendo

a compatibilidade ou conformidade entre as características destas e as dos pais a influência direta *per se*), vários estudos têm vindo a indicar que as mesmas tendem a suscitar nos pais comportamentos menos responsivos, mais hostis e menos atentos às necessidades das crianças (Huh, Tristan, Wade & Stice, 2006).

Belsky (1984) postulava também, que a parentalidade seria multideterminada, *i.e.*, que seria, além do descrito anteriormente, também ela, um produto de uma multiplicidade de influências externas ao indivíduo, fruto do seu contexto. Em 2006, os autores reforçaram a importância que o contexto social e contextual assumia no modelo e o papel que a rede de apoio social, a vizinhança e comunidade teriam no desempenho do papel parental (Belsky e Jafee, 2015). As fontes sociais e contextuais assumiam, portanto, o segundo lugar na hierarquia dos determinantes da parentalidade, antecedidas pelos fatores intrapessoais do sujeito e seguidas das características internas das crianças. O modelo dinâmico e moderado de Belsky possibilitaria a observação de sistemas protetores do processo de parentalidade, um melhor cuidado às crianças seria conseguido através de um estado dinâmico variante entre os três grandes determinantes mencionados nesta reflexão. Esta formulação permitiria que, mesmo na iminência de 2 ou 3 determinantes estarem em risco, o alto funcionamento parental pudesse continuar a ocorrer visto os recursos internos parentais permanecerem ilesos (Belsky, 1984). Os níveis de stresse parental seriam favorecidos ou prejudicados face a estas redes de suporte (Belsky, 1984; García, Bernal, & Marín, 2012; Mitchell & Trickett, 1980; Pipp-Siegel, Sedey, & Yoshinaga-Itano, 2002; Rodgers, 1998).

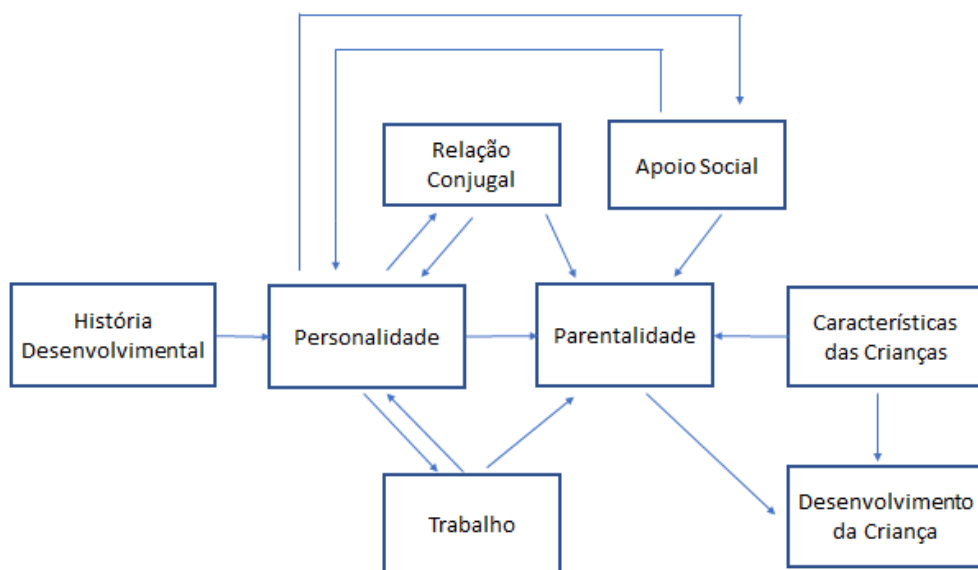


Figura 1. Modelo dos Determinantes da Parentalidade (Belsky, 1984 p.84)

As fontes de stresse parental têm vindo a ser relacionadas com o domínio das redes de suporte social percebido. O stresse parental distingue-se conceptualmente de outros tipos de stresse. Percebemos stresse parental como a reação psicológica que os pais podem ter na vivência do seu papel parental e que é, frequentemente, experimentada como aversiva ou negativa face às obrigações parentais. Esta reação parental seria ampliada, principalmente, quando se enfrenta um desfasamento entre as demandas parentais e as expetativas/recursos dos pais para as enfrentar (Holy, et al., 2019).

Abidin (1992), no seu modelo sobre o comportamento parental (Figura 2), defende que os níveis de stresse parental estão intimamente ligados, não só às características das crianças, como também, às próprias características internas dos pais/progenitores. Postula então, que a relação entre estas duas variáveis é mediada por fatores extremamente relevantes, figurando a relação marital como um dos mais destacados. O tipo de comportamento parental (e principalmente o comportamento disfuncional) seria resultado dos altos níveis de stresse

parental e seria influenciado diretamente pelas características pessoais da criança e dos pais e pelas variáveis sociológicas, ambientais, comportamentais e desenvolvimentais. O seu modelo postula que os níveis de stresse parental seriam o resultado das avaliações realizadas pelos progenitores ao nível do comprometimento nas suas funções parentais. O nível de stresse parental sentido resultaria assim, da avaliação dano/benefício que o seu papel parental incutiria.

O stresse parental surge, neste seguimento, como uma das dimensões a valorizar no entendimento da parentalidade e, conseqüentemente, no entendimento das relações que se estabelecem entre as variáveis influenciadoras da mesma. Várias são as pesquisas que demonstram uma forte associação entre o comportamento parental (Isapa et al., 2004; Putnick et al., 2008), comportamento familiar (Deater-Deckard & Scarr, 1996; Streisand, 2003) e até comportamento infantil, com os níveis de stresse parental experienciados (Anastopoulos, Guevremont, Shelton, & DuPaul, 1992; Tripp, Schaughency, Langlands, & Mouat, 2007). Encontramos ainda pesquisas que demonstram a associação entre o bem-estar mental e esta dimensão da parentalidade (Estes et al., 2009; Farmer & Lee, 2011) e associações entre ela e a qualidade das relações entre pais-filhos (Crnic, Gaze, & Hoffman, 2005; Mackintosh, Myers, & Kennon, 2006; Mitchell & Hauser-Cram, 2010). As pesquisas demonstram que o stresse parental percebido poderá estar relacionado também com práticas parentais mais ou menos funcionais. A título de exemplo, podemos referir a relação entre stresse parental e o comportamento materno no estudo de Rodgers (1998): o apoio social percebido, pela amostra, aplacava a associação entre o comportamento dos pais e o stresse parental, havendo uma diminuição da frequência com que castigavam os filhos e um aumento da responsividade, sensibilidade e consistência para com os mesmos. Sendo que, pais com maiores níveis de satisfação marital, tendem a ter menores níveis de stresse e de stresse parental e, conseqüentemente, a apresentarem melhores práticas educativas, melhor relação e consciencialização face à prole, podemos assumir que, em última análise, a satisfação neste tipo

de relação promoverá um melhor desenvolvimento infantil (Belsky, 1984; Garcia et al., 2006; Grych, 2002).

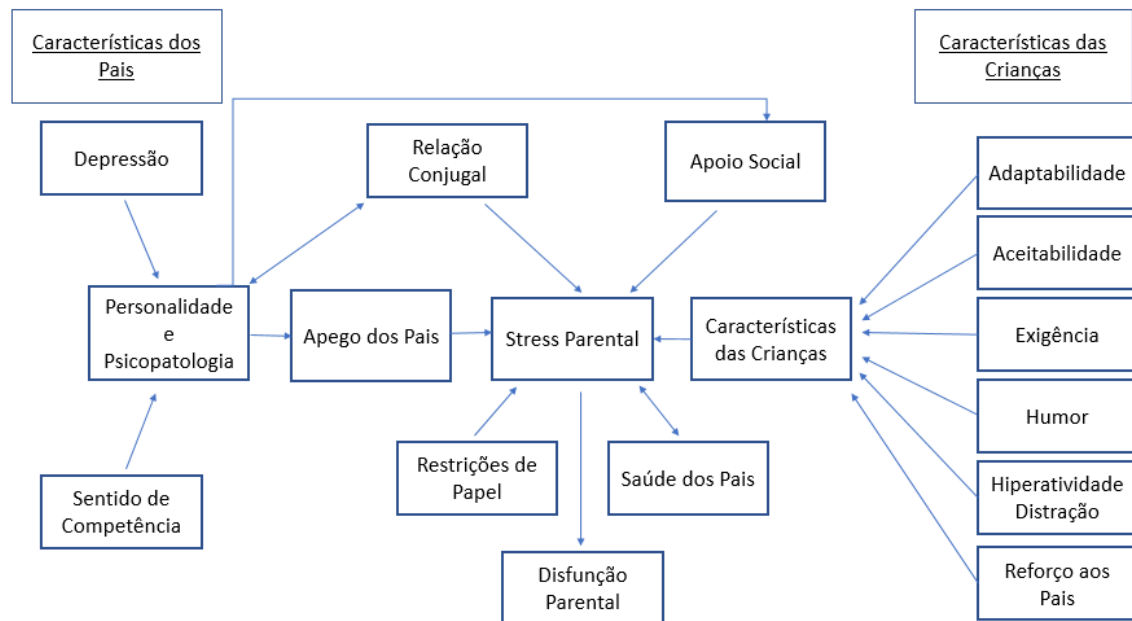


Figura 2. Modelo do Stresse Parental (Abidin, 1992 p.409)

Apesar de Abidin (1992), no seu modelo, não apresentar a relação marital como um fator direto na parentalidade ou no stress parental como Belsky defendia, devemos ressaltar que a importância da mesma e da sua influência no processo da parentalidade é mantida (Belsky & Jafee, 2015). A sua implicância no processo passa a ser lida como um fator imprescindível e primordial na avaliação da relevância que o papel parental assume para o sujeito. A substituir o papel decisivo da variável “satisfação marital” de Belsky está, na visão de Abidin, a “aliança parental” (Abidin, 1992).

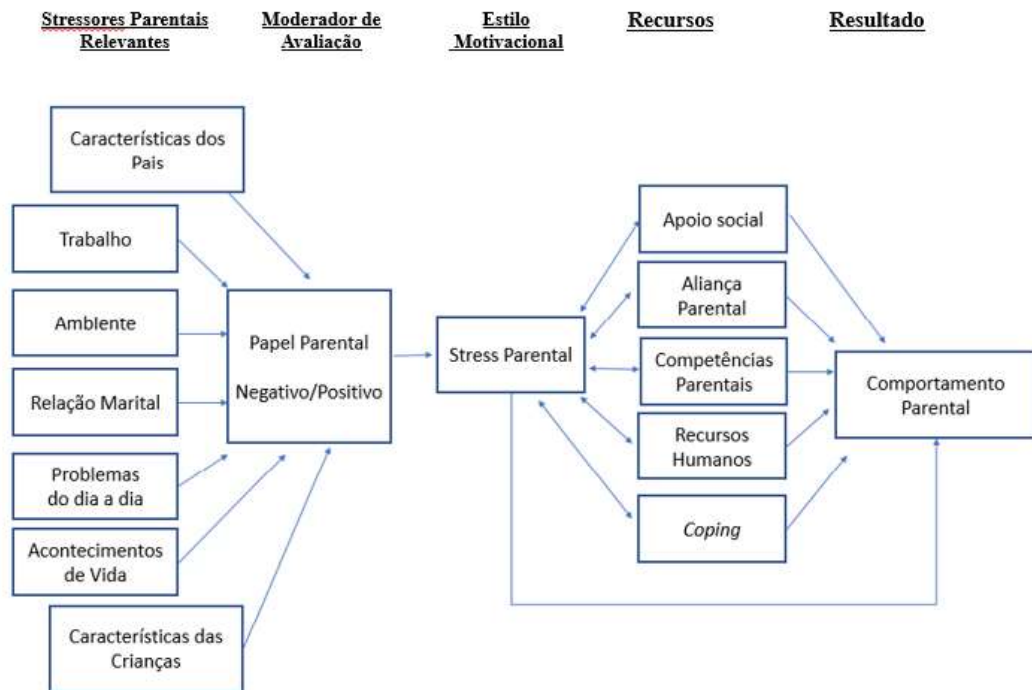


Figura 3. Modelo Teórico do comportamento parental (Abidin, 1992 pág. 410)

Abidin (1992) reconhece a possibilidade de um casal com baixos níveis de satisfação marital poder apresentar altos níveis de aliança parental se ambos os pais estiverem envolvidos no seu papel parental e o partilharem de uma forma ajustada. Ao fazê-lo, discorre sobre a necessidade de utilizar uma medida de avaliação com menos probabilidade de erro quando tentamos prever o comportamento parental. O autor, na reformulação do seu modelo (figura 3), avança então em conjunto com Brunner, com a Parenting Alliance Inventory com o intuito de avaliar aspetos da relação marital que poderiam estar diretamente relacionados com o comportamento parental. Fáz-lo, baseado nas próprias pesquisas de Belsky (1986) e de Emery (1988), que concluíram que a satisfação marital não seria uma variável por si só preditiva do comportamento parental. Este instrumento, estaria enquadrado na sua conceptualização de “aliança parental” que corresponderia ao investimento e cooperação entre os pais, com vista à prestação de cuidados à criança, com a valorização e respeito pela opinião de cada um deles

pelo outro e com a comunicação entre eles face à prestação de cuidados aos filhos (Abidin & Brunner, 1995).

A aliança parental, estaria relacionada, não só com a harmonia da família, como também com o desenvolvimento e trajetória adaptativa ou desadaptativa da criança (Abidin & Brunner, 1995). Esta premissa vai de encontro ao entendimento de Morrill, Hines, Mahmood e Córdova (2010), ao afirmarem que esta dimensão influenciaria o ajustamento do sistema familiar e que poderia estar relacionado com um aumento dos níveis de stresse parental. Esta relação estaria assente na influência que a qualidade da relação marital tem na aliança parental, a qual, por sua vez, afetaria as práticas parentais do casal. Assim, segundo os autores, a aliança parental poderia ser entendida como uma variável preditora direta da qualidade da relação marital e até das práticas parentais dos progenitores. Uma aliança parental forte parece estar relacionada com pais com recursos mais adequados à parentalidade e com uma melhor coordenação no que diz respeito à forma de beneficiar as suas crianças (Behnke et al., 2008; Feinberg, 2002; Gable et al., 1992).

Também para Cohen e Weissman (1984), o nível de satisfação marital e a qualidade da mesma, contribui para o desenvolvimento e manutenção de uma aliança parental forte. Relacionamentos mais insatisfatórios poderão afetar o dito desenvolvimento e ter consequências na parentalidade (Belsky, 1984; Burman, John, & Margolin, 1987; Fauber & Long, 1991; Feinberg 2002, 2003; Jouriles & Farris, 1992).

Erel & Burman (1995) acreditavam que as relações conjugais influenciariam diretamente as relações parentais. A satisfação na relação amorosa/conjugal apresenta-se como um fator chave no entendimento e na intervenção na relação parental, advindo daí efeitos diretos: relações conjugais conflituosas estão fortemente correlacionadas com práticas parentais ineficazes, práticas punitivas e falta de aceitação afetiva com os filhos (Krishnakumar &

Buehler, 2000). A esta hipótese os autores nomearam de *spillover*. Este conceito sustenta a premissa de que a parentalidade é um reflexo do tipo de conjugalidade existente na família e está intimamente ligado à Teoria dos Sistemas Familiares (Minuchin, 1982), à Teoria da Aprendizagem Social (Patterson, 1989), à Teoria do Stresse (Conger *et al.*, 1992) e à Teoria Ecológico-Sistêmica (Bronfenbrenner, 1996).

O nível de satisfação marital poderá ser um indicador da qualidade da relação parental: cônjuges com maior nível de satisfação marital apresentam maior sensibilidade parental, uma maior satisfação parental e práticas parentais mais responsivas, comparativamente aos casais que apresentam um menor índice de satisfação na relação (Brody *et al.*, 1986).

A satisfação marital está relacionada ainda com o conflito conjugal e com o comportamento infantil, principalmente no que concerne à ocorrência e desenvolvimento de psicopatologia e de manifestações clínicas infantis, com sequelas duradouras no desenvolvimento da personalidade (Katz & Gottman, 1993). Gottman (1998), defende que as relações conjugais insatisfatórias podem influenciar negativamente as crianças, ao aumentar o risco de problemas de saúde física e mental (depressão e distúrbios de comportamento), baixa competência social e baixa performance académica.

Benetti (2006), postula que o desenvolvimento da criança é suscetível às situações de conflito conjugal, o qual, pode espelhar-se em práticas de pouca proximidade afetiva para com a prole e até em práticas educativas coercivas. A estas manifestações poderemos ainda associar, o aumento dos níveis de agressividade das crianças, conduta anti-social e de crime na adolescência (Fergusson & Horwood, 1998; Wamboldt & Wamboldt, 2000; Zeanah & Scheeringa, 1997). Erel e Burman (1995), defendem que a explicação para este fenómeno poderá estar baseada no facto de que uma relação marital pouco satisfatória influencia o comportamento e o bem-estar emocional dos progenitores, tornando-os menos afetuosos e atentos à criança. Dada a relevância deste constructo para o estudo do funcionamento familiar

e bem-estar dos adultos e das crianças, é importante tanto para técnicos como para investigadores disporem de instrumentos fiáveis para medir esta dimensão.

1.4. Avaliação da Satisfação Marital

De forma a avaliar a satisfação marital e, numa tentativa de abarcar todos os domínios deste construto, vários instrumentos têm vindo a ser desenhados e desenvolvidos com vista à avaliação de sentimentos, pensamentos ou comportamentos face à relação marital. A Kansas Marital Satisfaction Scale (Schumm *et al*, 1983) é um dos principais instrumentos utilizados pelos investigadores. Além desta, também a Escala de Avaliação do Relacionamento de Hendrick (1998)- EAR; a Escala Fatorial de Satisfação no Relacionamento de Casal (Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani & Natividade, 2004); a Revised Dyadic Adjustmen Scale- R-DAS (Busby, Christensen, Crabe & Layson, 1995)- versão adaptada (Pereira, 2003); a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas Conjugais - EASAVIC (Narciso & Costa, 1996) e a Escala de Ajustamento Diádico de Spanier (1976) se pressupõem a fazer uma medição do nível de satisfação na relação amorosa. Na nossa bibliografia incluímos ainda o contributo que a ENRICH Inventory (Fowers & Olson 1989; Olson & Fowers, 1993; Olson & Olson, 1997) e a Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS) de Fowers e Olson (1993) manifestam na medição de um construto complexo e dinâmico como é o da satisfação marital, incidindo o nosso estudo na compreensão das características psicométricas deste último.

Ainda que, todas estas medidas tenham vindo a contribuir para a melhor entendimento da satisfação marital e das suas ramificações na família, a verdade é que todas elas apresentam as suas limitações. Num domínio tao íntimo como a avaliação da relação amorosa, instrumentos demasiado longos ou extremamente breves acabam por aumentar a probabilidade de interferência de variáveis indesejáveis. Instrumentos muito longos poderão apresentar como

desvantagens, os níveis de frustração ou de cansaço dos participantes e a influência desses nas autorrespostas. Por outro lado, a utilização de instrumentos extremamente breves pode correr o risco de não abarcar todos os domínios necessários ao entendimento do mesmo (Ribeiro, 1999). Por último, e considerando os instrumentos que apresentaremos em seguida, temos de ressaltar o facto de nenhum deles valorizar de forma expressa, a influência que a desejabilidade social pode ter na aferição de dados sobre a relação marital. A relação com o outro, e principalmente a relação com um outro intimamente significativo, não deverá ser medida ou analisada sem que valorizemos a influência que a distorção idealizada pode assumir no momento avaliativo (Ribeiro, 1999). Esta premissa apresenta-se, na nossa perspectiva, como uma das maiores vantagens da ESM, sendo o tamanho da escala, a adequada para colmatar as desvantagens anteriormente apontadas por nós.

Apresentamos de seguida, um breve resumo de cada um dos instrumentos acima mencionados.

1.4.1. A Kansas Marital Satisfaction Scale (Schumm et al., 1983). A Kansas Marital Satisfaction Scale (Schumm et al., 1983) é um dos principais instrumentos utilizados pelos investigadores para a avaliação dos níveis de satisfação marital. De formato breve, a escala é composta por três itens em formato Likert de 7 pontos (1= extremamente insatisfeito; 7= extremamente satisfeito), através dos quais o sujeito pode auto-avaliar quão verdadeiras são algumas afirmações acerca do relacionamento.

A Kansas Marital Satisfaction Scale apresentou-se como um instrumento com uma alta consistência interna (alfa de Cronbach de ,84), com um valor de teste-reteste de ,71 , com uma elevada correlação com a Dyadic Adjustment Scale (Spanier, 1976) e com a Quality Marriage Index (Norton, 1983; Schumm et al., 1983).

1.4.2. Escala de Avaliação do Relacionamento de Hendrick (1998) - EAR. A Escala de Avaliação do Relacionamento de Hendrick foi desenvolvida como uma medida breve e confiável, para a avaliação da satisfação das relações íntimas. Desenhada como uma medida global, a EAR, apresenta-se como um instrumento unidimensional, assente em sete itens. Baseada no Questionário de Avaliação Conjugal de Hendrick (1981), a EAR, acabou por sofrer alterações semânticas (as palavras “companheiro/a” foram substituídas por “parceiro/a” e “casamento” por “relacionamento”) e por incluir dois itens de uma versão anterior do mesmo instrumento.

Em 1988, no estudo I, Hendrick utilizou uma amostra de 125 sujeitos em relação amorosa. A análise fatorial do instrumento concluiu que se estaria perante um instrumento unifatorial, responsável pela explicação de 46% da variância total. Os valores da correlação variavam entre ,11 e ,67 e os valores da correlação item-total entre ,57 e ,76.

Uma estrutura semelhante foi encontrada no estudo II, a melhor solução extraiu um único fator responsável por 57% da variância total. Os valores da correlação interna foram de ,49 e o alfa de Cronbach de ,87.

A EAR indicou uma correlação estatística significativa ($r = ,80$) com a EAD, espelhando uma boa fidedignidade teste-reteste. Este instrumento demonstrou ser uma medida psicometricamente sólida, adequada, útil e prática no que concerne à avaliação de relações conjugais/amorosas.

1.4.3. Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Wachelke e colaboradores (2004). A Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Wachelke e colaboradores (2004) é uma escala Likert de nove itens (dos quais dois são inversos) e de dois fatores: Satisfação com a Atração Física e Sexualidade – SAFS e Satisfação com Afinidades de

Interesses e Comportamentos – SAIC. Este instrumento foi desenvolvido com base numa amostra de 364 participantes no Brasil e que se encontravam num relacionamento. Os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas, mas os valores do alfa manifestaram alguma dificuldade ao nível da confiabilidade (α SAFS = ,76 e α SAIC = ,61). Posteriormente em 2007, um dos itens do instrumento foi reformulado semanticamente e foi aplicado a uma nova amostra de estudantes universitários obtendo valores de alpha acima de ,68, no entanto, um dos itens foi retirado do mesmo.

1.4.4. Revised Dyadic Adjustmen Scale- R-DAS (Busby, Christensen, Crabe & Layson, 1995) - versão adaptada (Pereira, 2003). A Revised Dyadic Adjustmen Scale- R-DAS é um instrumento que pretende avaliar sete áreas agrupadas em três dimensões: Consenso (tomada de decisões, valores e afetividade), Satisfação (em relação à estabilidade e regulação de conflitos) e Coesão (como resultado de atividades e de discussão). Através da aplicação de 14 itens, o instrumento procura ser um meio confiável e breve de avaliar a satisfação marital e a qualidade da mesma.

A R-DAS apresenta-se como uma medida breve, mas com valores adequados quer ao nível da consistência interna, quer ao nível da validade. Os resultados demonstraram um valor de alfa de Cronbach de ,90 em relação à confiabilidade do instrumento e uma alta correlação com medidas similares (*e.g.* apresentou um valor de ,68 ($p < ,01$) em relação ao Locke-Wallace Marital Adjustment Test- MAT e de ,97 ($p < ,01$) em relação à Dyadic Adjustmen Scale-DAS) (Crane, Middleton & Bean, 2000).

A R-DAS manteve-se fiel à DAS ainda que tenha sido alterada para um formato mais curto, manifestando a mesma capacidade na avaliação da diferença entre uma relação

satisfatória ou não satisfatória e permitindo uma avaliação da dinâmica e da estabilidade de uma relação.

1.4.5. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas Conjugais - EASAVIC (Narciso & Costa, 1996). Este instrumento, desenvolvido com uma amostra portuguesa, é constituído por 44 itens de auto-avaliação, organizados numa escala de Likert de 6 pontos em que o indivíduo deverá avaliar a sua satisfação em relação a cada item através de uma classificação de 1 a 6 (em que 1 corresponde a “Nada Satisfeito” e 6 corresponde a “Completamente Satisfeito”). Ao permitir ao indivíduo que avalie a sua própria satisfação, as autoras, pretendem seguir a definição de satisfação conjugal dada por Tompson (1988), que postula que se deve evitar um critério de avaliação externo aos indivíduos, visto que, a satisfação marital resulta de uma avaliação subjetiva e intrínseca a cada indivíduo. As autoras defendem ainda que a divisão da escala em 44 itens, espelha a organização da vida conjugal em “zonas da vida conjugal”: 14 itens que representam zonas em que o foco é o Outro; 16 itens que representam zonas em que o foco é o Casal e 14 itens que representam zonas cujo foco é o Próprio. Estas zonas da vida conjugal organizam-se em torno de 10 áreas da vida conjugal: 5 relativas à dimensão amor (sentimentos e expressão de sentimentos, características físicas e psicológicas, sexualidade, intimidade emocional, e continuidade) e 5 relativas à dimensão funcionamento conjugal (funções familiares, relações extrafamiliares, autonomia, tempos livres e comunicação e conflitos).

A análise da escala permitiu apurar a existência de 2 fatores com uma correlação item-fator de $> ,52$ e um resultado de consistência interna elevada (coeficiente alfa $> ,90$). Estes valores foram novamente descritos num estudo posterior (2008), em que as autoras reviram as características metrológicas da escala utilizando uma amostra de 652 indivíduos casados ou em

união de facto. Este novo estudo demonstrou novamente uma elevada fiabilidade (alpha de Chronbach de ,97) tendo, no entanto, a análise em componentes principais revelado uma estrutura unifactorial.

1.4.6. Escala de Ajustamento Diádico (Spanier, 1976) – EAD. Na nossa pesquisa bibliográfica, foi-nos possível chegar a um dos instrumentos mais comumente utilizados na avaliação do construto em causa neste estudo, a Escala de Ajustamento Diádico (Spanier, 1976) – EAD. Constituído por itens que devem ser respondidos por casais que partilhem o lar e que incidem sobre harmonia, o futuro, avaliação e outros aspetos relacionados do relacionamento, este instrumento, foi adaptado em 2003 por Lourenço e Relvas (trabalho não publicado), que mantiveram os 32 itens de autorresposta originais, divididos em quatro fatores também eles originais. A Escala de Ajustamento Diádico, revelou um coeficiente de Cronbach para a escala global de ,93, resultando esse valor numa avaliação muito forte da sua consistência interna. Ambas as subescalas de satisfação mútua, consenso mútuo e coesão mútua (,81; ,89; ,76) revelaram valores de consistência interna fortes. O valor mais baixo em relação à consistência interna foi obtido em relação à subescala de expressão afetiva (,70). Esta escala tem vindo a obter resultados semelhantes em vários países como França (Antoine, Christophe & Nandrino, 2008), Austrália (Hundertmark, Esterman, Ben-Tovim, Austin, & Dougherty, 2007), Estados Unidos (Funk & Rogge, 2007), China (Shek & Cheung, 2008) e África do Sul (Lesch & Engelbrecht, 2008). Ainda que a EAD se proponha a avaliar o ajustamento da díade, e que a satisfação marital seja apenas um dos elementos deste ajuste, a escala revela-se um instrumento com uma consistência interna geral ($\alpha=,92$, 32 itens) útil a uma pesquisa do construto.

Em 2013, a publicação de Gomez & Leal, analisou as características psicométricas da escala em questão em relação à população portuguesa. Os seus resultados foram de encontro

aos resultados da versão original, incluindo os valores da consistência interna, correlações teste-re-teste, correlações inter-escalas e correlação entre as notas dos dois parceiros. Parece-nos pertinente ressaltar que foi observado pelo estudo em questão que os participantes com filhos apresentavam níveis mais baixos de qualidade conjugal comparativamente aos que não possuíam descendência. Os resultados foram também de encontro à literatura, ao encontrarem uma associação negativa face aos níveis de sintomatologia depressiva e ansiogénica e uma associação positiva no que diz respeito ao nível de envolvimento paterno, convergindo com a premissa de que o instrumento em questão apresenta validade em relação ao nível de ajustamento conjugal em termos globais (Gomes & Leal, 2008).

1.4.7. Evaluating & Nurturing Relationship Issues, Communication, Happiness (ENRICH Inventory) (Fowers e Olson 1989; Olson e Fowers, 1993; Olson e Olson, 1997).

O ENRICH Inventory, instrumento de 125 itens, é um inventário multidimensional que engloba 12 escalas. Estas escalas intendem descrever, diagnosticar e avaliar as dinâmicas relacionais do casal ao nível da satisfação marital, da comunicação, da resolução de conflitos, da distorção idealizada, das atividades de lazer, da família e amigos, dos filhos e matrimónio, da orientação religiosa, da administração financeira, dos aspetos da personalidade, da relação sexual e da igualdade de papéis. Apresenta-se como um instrumento com um coeficiente de fidedignidade médio de ,74 (alfa de Cronbach) e com uma média de ,87 no reteste.

Shein (2001) adaptou este instrumento para a população chinesa com resultados semelhantes ($\alpha = ,76$), tendo, no entanto, verificado valores abaixo de $\alpha = ,70$ em algumas subescalas, diferenciadas, segundo a visão do autor, devido a possíveis diferenças culturais.

Em Portugal, o trabalho de Marques (2000) na sua dissertação de mestrado “Amor e Qualidade Conjugal em Estudantes do Ensino Pós-Graduado”, traduziu e adaptou o instrumento

para a população portuguesa. Este trabalho apresentou uma consistência interna de ,93 de Alpha de Cronbach e apresentou resultados concordantes aos obtidos pelos criadores do instrumento.

1.5. Descrição da Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS) de Fowers e Olson (1993).

Por último, encontramos a Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS) de Fowers e Olson (1993) como um dos instrumentos da avaliação da satisfação marital, instrumento sob o qual se debruçará a nossa investigação. Este instrumento breve, organizou a sua pesquisa e levou em consideração os resultados e estrutura do ENRICH Inventory (Fowers e Olson 1989; Olson e Fowers, 1993; Olson e Olson, 1997).

A Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS) de Fowers e Olson (1993), foi desenvolvida com o intuito de avaliar a satisfação global com a relação marital levando em consideração as subescalas do ENRICH Inventory mas reduzindo substancialmente o número de itens que a constituem. Através da aplicação de 15 itens, agrupados em 2 subescalas (Satisfação Marital e Distorção Idealizada), a EMS permite avaliar, não só a percepção de cada um dos cônjuges face à sua satisfação na relação conjugal, mas também avaliar o grau de distorção implícito nessa mesma avaliação subjetiva. As duas subescalas permitem a comparação da percepção individual de cada um dos cônjuges face à sua satisfação da sua relação e a avaliação do grau de distorção implícito nessa avaliação. Através de 10 itens, a Satisfação Marital (SM, 10 itens, *e.g.* “Não estou satisfeita com a nossa comunicação e sinto que o meu marido não me compreende”) e a Distorção Idealizada (DI, 5 itens, *e.g.* “A nossa relação é perfeita) são passíveis de medição, contribuindo para a compreensão da satisfação percebida e da percepção real sentida por cada um dos cônjuges na relação marital. Esta distinção tornou-se imperativa, após a observação do valor que a tendência para descrever o casamento, em termos

irrealisticamente positivos, assumia nos resultados dos estudos anteriores. Com vista a diminuir o viés de desejabilidade social, os autores propuseram a integração na EMS de uma escala de Distorção Idealizada (Fowers e Olson, 1993).

A EMS apresenta-se como um instrumento breve, de alta validade e consistência interna (coeficiente de Cronbach de ,86), com uma forte correlação com outros instrumentos de medida de satisfação marital (e.g. alfa de Cronbach de ,73 em relação ao Locke-Wallace Marital Adjustment Test) e uma correlação moderada com instrumentos de medição de satisfação da família e de intenção de divórcio, tendo como mais valia o facto de permitir a medição dos níveis de satisfação individual e da díade e de incorporar na sua estrutura, uma escala de avaliação da distorção idealizada (e.g. Desejabilidade social). Apesar de se apresentar como um instrumento breve e conciso, a EMS é o único instrumento de formato breve a incluir esta dimensão (Fowers e Olson, 1993).

Ainda que, não existam evidências empíricas diretas de que os itens de desejabilidade social sejam efetivos na avaliação da distorção presente nos instrumentos de avaliação da satisfação marital, a possibilidade teórica de uma relação entre as duas variáveis é passível de existir. Se assim é, um instrumento que, à partida, leve em consideração o viés que a desejabilidade social pode representar na investigação científica de um construto tão pessoal como este, torna-se uma mais-valia difícil de rejeitar.

De acordo com a nossa revisão de literatura, não nos foi possível encontrar uma validação da escala para a população portuguesa publicada. Desconhecemos, portanto, a existência de investigações em curso ou a aguardar publicação com esse mesmo objetivo. De igual forma, não encontramos estudos publicados com a validação deste instrumento noutros países que não o original, à exceção do estudo de Ferrão, Andrade e Silva (2019) que apresentaram a adaptação e as evidências psicométricas iniciais deste instrumento para a

população brasileira. No seu trabalho, os autores tiveram como amostra 355 participantes com idade média de 33 anos, tendo sido 232 participantes do sexo feminino e 123 do sexo masculino. Após a análise fatorial confirmatória, chegaram a valores de boa evidência de precisão do instrumento ($\alpha = ,78$) e a evidência de validade convergente com instrumentos similares. Uma ressalva, porém, deve ser feita: o estudo descrito tem apenas em consideração a dimensão positiva do construto, tendo os autores optado por retirarem da sua pesquisa os itens pertencentes à dimensão da distorção idealizada. Esta decisão não seguiu a mesma linha de orientação do estudo por nós efetuado, no qual todos os itens, de ambas as dimensões, foram levados em consideração.

Torna-se pertinente a menção de que, vários foram os estudos revistos em que a utilização do Inventário ENRICH foi efetuada, mas deparámo-nos com a falta da indicação da adaptação do mesmo, levando-nos a considerar que a sua utilização tenha sido de acordo com a original e não com uma formulação revista ou validada para as populações em questão. Nestes casos, foi ainda plausível a verificação da utilização de subescalas do Inventário ENRICH sem que estivesse indicada a validade das mesmas como instrumento *per se*. Atinente a esta chamada de atenção está o facto de que, em todas as publicações revistas para a construção deste artigo, terem sido encontradas evidências da utilização do Inventário ENRICH e suas subescalas em detrimento da Escala ENRICH. Consideramos para este efeito, que a versão mais curta deste instrumento não terá sido validada para a população portuguesa ou de outros países (à exceção do acima mencionado), valorizando, no entanto, a possibilidade de estarmos perante uma simples condicionante da nossa própria atuação.

A EMS, com vista ao objetivo deste estudo, apresentou-se como um instrumento de tamanho parcimonioso, para além de incluir duas dimensões sobre a conjugalidade de extrema relevância para o entendimento da mesma, a satisfação conjugal e a distorção idealizada.

Através da aplicação desta escala e em conformidade com os restantes instrumentos, este estudo propõe-se a analisar estas dimensões e a sua influência nos processos da parentalidade.

Capítulo 2 - Objetivos

2.1. Objetivo do Estudo

O presente estudo tem como objetivo analisar as propriedades psicométricas da Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS) de Fowers e Olson (1993) através de uma análise fatorial confirmatória. Como hipóteses pretendemos perceber se a versão portuguesa da EMS demonstrará uma estrutura bidimensional (2 fatores), uma adequada consistência interna (alfa de Cronbach), se a validade do instrumento é convergente com medidas do funcionamento familiar e se apresenta validade discriminante com medidas de stresse parental.

Capítulo 3– Metodologia

3.1. Amostra

Nesta investigação participaram um total de 205 famílias da população geral residentes no Algarve. Os participantes deste estudo eram compostos por 107 mulheres com idades entre os 26 e 53 anos ($M = 37,54$; $DP = 5,68$) e 98 homens com idades compreendidas entre os 23 e os 49 anos ($M = 39,31$; $DP = 5,90$).

Os participantes tinham a seu encargo crianças entre os 1 e os 13 anos de idade, dos quais 108 dos menores seriam do sexo masculino e 97 do sexo feminino com idade média de 6,89 ($DP = 3,18$).

3.2. Instrumentos

Com vista a alcançar os objetivos propostos para esta investigação foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário de dados sociodemográficos, a Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS), o Inventário de Aliança Parental (PAI) e a Índice de Stresse Parental-versão reduzida (PSI-SF).

O questionário de dados sociodemográficos apresenta-se como um instrumento de autopreenchimento, em que, através de 20 questões de resposta fechada, os pais caracterizam a família ao nível de dados demográficos, económicos, habitacionais, profissionais, educacionais e familiares.

A Escala de Satisfação Marital ENRICH, tal como foi descrito anteriormente, é um instrumento breve de 15 itens, numa escala de Likert em que 1 corresponde a “Não, totalmente em desacordo” e 5 corresponde a “Totalmente de acordo”. Desenvolvido por Fowers e Olsen (1993), tem como objetivo avaliar o nível de satisfação marital e está dividida em duas subescalas: Satisfação Marital, (e.g. “*Não estou satisfeita com a nossa comunicação e sinto que o meu marido não me compreende*”) e Distorção Idealizada (DI, e.g. “*A nossa relação é perfeita*”), procurando perceber e comparar a perceção dos cônjuges face à satisfação na relação. O valor total da escala é calculado através da seguinte fórmula: $\text{satisfação marital} - [(\text{satisfação marital}) * (\text{correlação entre satisfação marital e distorção marital})^2 * (\text{Distorção Marital} * 0,01)]$.

No presente estudo obtivemos os seguintes índices de fiabilidade: $\alpha = ,81$ para o domínio da Satisfação Marital e $\alpha = ,74$ para o domínio da Distorção Idealizada. Foi obtido o valor de $\alpha = ,87$ na análise de fiabilidade da EMS total.

O Índice de Stresse Parental- versão reduzida (PSI-SF), é um questionário de autorrelato que pretende avaliar o nível de stresse parental percebido pelos pais. Desenvolvido por Abidin

(1995), o instrumento é constituído por 36 itens, avaliados através de uma escala de Likert em que 1 (“concordo totalmente”) e 5 (“discordo totalmente”) e divide-se em 3 subescalas: Distresse parental, (ex: “*Sinto-me limitado/a por causa das minhas responsabilidades como mãe/pai*”); Interação disfuncional entre o cuidador e a criança (ex: “*Quando faço coisas pelo meu filho tenho a sensação que o meu esforço não é muito apreciado*”) e o grau em que o cuidador avalia o seu filho como uma criança difícil (ex: “*Parece-me que o meu filho chora mais e faz mais barulho do que a maioria das crianças*”).

As características psicométricas da versão portuguesa ainda estão em estudo por Santos (2011). No presente estudo obtivemos os seguintes índices de fiabilidade: $\alpha = ,89$ para o distresse parental, $\alpha = ,80$ para a interação disfuncional entre o cuidador e a criança, e $\alpha = ,75$ para o grau em que o cuidador avalia o seu filho como uma criança difícil. Total $\alpha = ,91$.

O Parenting Alliance Inventory- PAI é um instrumento construído com vista à medição da aliança parental, isto é, o grau no qual o pai/mãe acredita que tem uma boa e funcional relação com a mãe/pai do seu filho (Abidin & Brunner, 1995). Este instrumento apresenta ainda uma vantagem: permite medir a relação de apoio e confiança que existe no casal como progenitores. Este componente específico e diferenciado da relação conjugal faz referência aos componentes mais interpessoais do papel de progenitor, ou seja, refere-se a questões como a sintonia, coordenação, ajuda e confiança mútua entre o homem e a mulher no seu papel de pais.

Constituído por 20 itens, numa escala de Likert de 5 pontos em que 1 corresponde a “Não, totalmente em desacordo” e 5 corresponde a “Sim, totalmente de acordo”, o PAI pode ser aplicado independentemente do facto da pessoa que exerce as funções parentais ser ou não o pai biológico do menor e da situação conjugal em que se encontram.

Neste estudo foi utilizada a versão traduzida para a língua portuguesa de Nunes e Lemos (2010). No presente estudo obtivemos um índice de fiabilidade de $\alpha = ,95$.

3.3. Procedimentos de Recolha de dados

Os dados utilizados neste estudo foram recolhidos entre 2017 e 2018, através de uma entrevista individual. Estas entrevistas, levadas a cabo por vários colaboradores com formação adequada e específica, foram realizadas no âmbito do projeto universitário “*Avaliação do contexto familiar de menores em risco*”, coordenado pela Professora Doutora Cristina Nunes.

3.4. Plano de análise dos dados

Os dados utilizados neste estudo foram inseridos e analisados através do software SPSS v25 (IBM SPSS, 2017) e do software EQS 6.3 (Bentler & Wu, 2015).

A análise da estrutura fatorial da EMS foi efetuada no software EQS com estimativa por Máxima Verosimilhança (ML). Os índices de ajustamento foram obtidos através do cálculo do Qui-quadrado de Satorra-Bentler/graus de liberdade, CFI (Comparative Fit Index), IFI (Incremental Fit Index), RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation) e NNFI (Non-Normed Fit Index). Os valores $CFI \geq ,90$ e $RMSEA < ,10$ são indicadores de um ajustamento adequado; os valores de NNFI e $CFI \geq ,95$ e $RMSEA \leq ,06$ indicam um ajustamento bom e um valor de IFI $\geq ,90$ é considerado aceitável (Byrne, 2006). A AFC foi efetuada diretamente nos itens utilizando valores de cargas fatoriais $\geq ,45$.

No que diz respeito à análise das correlações de Pearson, procurou-se analisar as associações entre variáveis escalares. Da mesma forma, as correlações Spearman foram utilizadas para analisar a relação entre variáveis ordinais e variáveis escalares (Leech, Barrett, & Morgan, 2015). Foram consideradas como correlações fracas as correlações menores que ,20; correlações moderadas entre ,20 e ,50 e correlações fortes acima de ,50 (Ferguson, 2009).

Considerou-se a consistência interna pelo alfa de Cronbach adequada quando pontuada acima de ,70 e as correlações item-total corrigidas adequadas quando acima de ,30 (Dunn, Baguley, & Brunsten, 2014; Nunnally, & Bernstein, 1994; Urbina, 2014).

Capítulo 4 – Resultados

4.1. Características dos Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 205 pais e mães de famílias da população geral. Na sua composição constavam 52,2% de mulheres ($n=107$) e 47,8% de homens ($n=98$), tendo sido por nós considerada como uma amostra equilibrada do que concerne a este domínio. Relativamente à idade dos participantes masculinos, a média situa-se nos 39,31 ($DP = 5,90$) sendo que os participantes apresentavam idades compreendidas entre os 23 e os 49 anos. No que diz respeito às participantes do sexo feminino, a média de idades situa-se nos 37,54 ($DP = 5,68$), tendo as participantes idades compreendidas entre os 26 e os 53. Estas famílias tinham a seu encargo crianças entre os 1 e os 13 anos de idade, dos quais 52,68% dos menores seriam do sexo masculino ($n=108$) e 47,32% do sexo feminino ($n=97$) com média de idades de 6,89 ($DP=3,18$).

A maioria das famílias entrevistadas eram casais perfazendo 93,7% ($n= 192$) da nossa amostra. Os restantes entrevistados estavam atualmente separados/divorciados (3,9%, $n= 8$) ou solteiros (2,4%, $n=5$). A maioria das famílias eram biparentais (89,27%, $n=183$), existindo apenas 10 famílias monoparentais (4,88%) e 12 famílias reconstruídas (5,85%) (Figura 4).

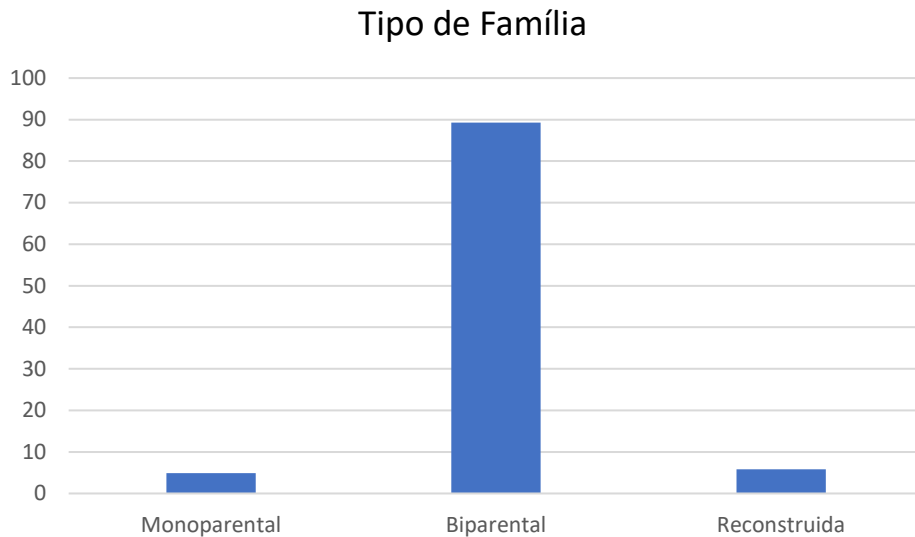


Figura 4. Dados sociodemográficos- Tipo de família.

No que se refere às condições socioeconómicas, 41,95% dos participantes completaram o ensino secundário ($n=86$), 28,29% ($n= 58$) o ensino superior, 19,51% ($n=40$) o ensino primário e 10,24% ($n=21$) não têm estudos ou têm estudos primários incompletos (Figura 5).

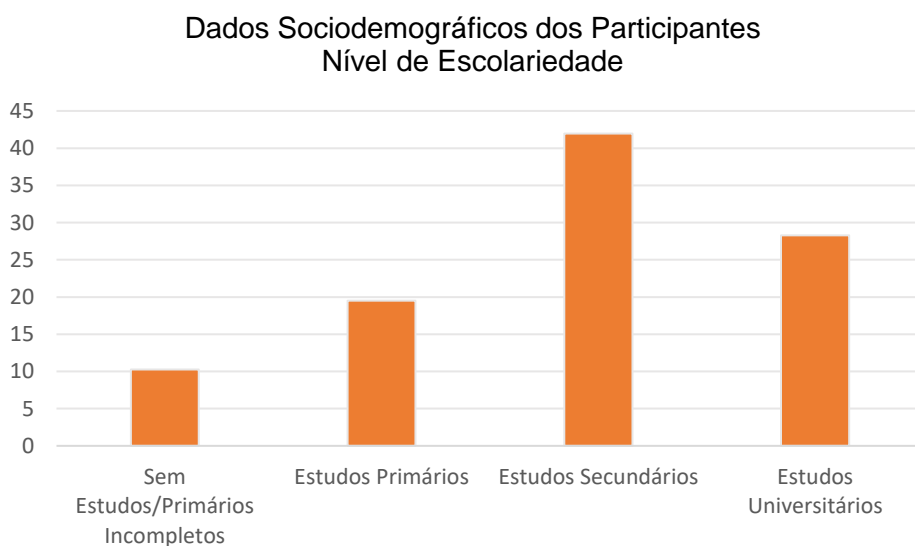


Figura 5. Dados sociodemográficos- Nível de escolaridade

O tipo de atividade profissional desempenhada pelos participantes variava entre atividades sem necessidade de qualificações, qualificações de nível médio e atividades com necessidade de qualificação superior. Neste campo, a amostra foi caracterizada com 33,17%, 40,98% e 25,85% respetivamente. O valor médio dos rendimentos da amostra situava-se nos 1602,67€ com valores entre os 450€ e os 4500€ (Figura 6).

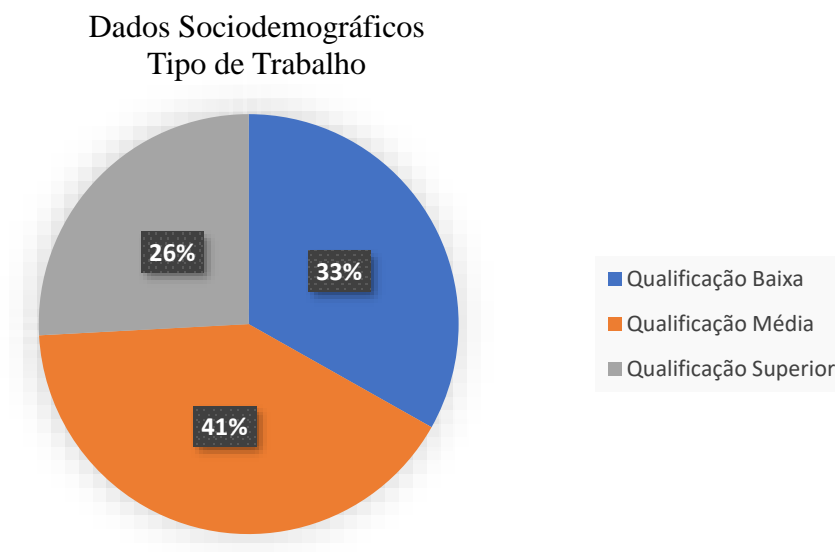


Figura 6. Dados sociodemográficos- Tipo de trabalho

4.2. Análise descritiva inicial da Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS)

A Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS) é um instrumento breve de 15 itens, numa escala de Likert em que 1 (“Não, totalmente em desacordo”) e 5 (“Totalmente de acordo”). Com o objetivo de avaliar o nível de satisfação marital, esta escala está dividida em duas subescalas (Satisfação Marital e Distorção Idealizada), procurando perceber e comparar a perceção dos cônjuges face à satisfação na relação.

A EMS é pontuada através do somatório dos itens correspondentes a partir de uma escala de Likert, a qual progride de 1= “Não, totalmente em desacordo” até 5= “Totalmente de acordo”, sendo que os itens 2, 5, 8, 9, 12 e 14 deverão ser pontuados de forma inversa antes de somados.

Tabela 1. Itens da Escala de Satisfação Marital ENRICH- (EMS)- Versão Feminina

1	O meu marido e eu compreendemo-nos perfeitamente
2	Não gosto das características de personalidade nem dos hábitos do meu marido
3	Estou muito contente como organizamos no nosso casamento questões como as decisões económicas familiares, as tarefas domésticas, a educação dos filhos...as coisas que um casal pode decidir
4	O meu marido compreende totalmente o meu estado de ânimo quotidiano
5	Não estou satisfeita com a nossa comunicação e sinto que o meu marido não me compreende
6	A nossa relação é perfeita
7	Estou muito satisfeita com a nossa forma de tomar decisões e resolver problemas
8	Estou descontente com a nossa situação financeira e com a forma como tomamos decisões sobre esse tema
9	Tenho algumas necessidades que não são satisfeitas na nossa relação
10	Estou muito satisfeita como organizamos o tempo que passamos juntos e com as nossas atividades de ócio
11	Estou muito satisfeita com a nossa forma de expressarmo-nos afeto e com as nossas relações sexuais
12	Não estou satisfeita com a maneira como nos encarregamos das nossas responsabilidades como pais
13	Nunca me arrependi da minha relação com o meu marido, nem sequer por um momento
14	Estou descontente com as nossas relações com familiares e/ou amigos
15	Sinto-me bem com a forma como praticamos as nossas crenças e valores religiosos

Encontramos em seguida (Tabela 2) as estatísticas descritivas da EMS, onde podemos observar que a média de respostas dos participantes se encontra no percentil 45 com um valor de 33,69 pontos ($DP = 4.93$), sendo o valor 34,11 o correspondente ao percentil 50.

Tabela 2. Tabela de percentis da avaliação da Satisfação Marital da amostra

Percentis	
5	25,49
10	27,08
15	28,81
20	30,38
25	31,37
30	31,87
35	32,14
40	32,90
45	33,59
50	34,11
55	34,72
60	34,84
65	35,51
70	36,46
75	37,03
80	37,61
85	38,80
90	39,72
95	41,75
100	43,07

Ao analisarmos os índices de curtose e de assimetria (1,05 e -0,76 respectivamente), aferimos que os dados se encontram nos valores aceitáveis, não se afastando da normalidade (Tabela 3). Através da análise da tabela em questão, podemos constatar que no que diz respeito à consistência interna, a EMS pode ser caracterizado como um instrumento com uma boa consistência interna ($\alpha = ,87$).

Tabela 3. Estatística descritiva para a Escala de Satisfação Marital ENRICH

Média	33,69
Mediana	34,11
Moda	34,72
Desvio-Padrão	4,93
Assimetria	-0,76
Curtose	1,05
Mínimo-Máximo	17,37- 43,07
α	,87

Relativamente à análise dos itens, podemos observar que as correlações entre cada item e o valor total da escala variam entre os ,24 (item 14) e os ,70 (item 1). Ao analisarmos estes valores entendemos que os mesmos refletem a existência de correlações maioritariamente moderadas a fortes, à exceção dos itens 8 e 14 que apresentaram correlações fracas. Podemos ainda observar que, os valores de Alfa de Cronbach não apresentam alterações significativas quanto à retirada de qualquer um dos itens da escala à exceção do item 14. Neste caso, em que o valor de α é elevado para ,88 se excluído, tomámos a decisão da sua manutenção por considerarmos que a diferença comparativamente ao α inicial não representa uma alteração significativa para a sua exclusão.

Tabela 4. Análise da capacidade discriminante dos 15 itens originais da Escala de Satisfação Marital ENRICH para as famílias da amostra (N = 205)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose	r item-total corrigida	α se Item for retirado
Item 1	205	1	5	4,01	,82	-1,27	2,79	,70	,86
Item 2 invertido	205	1	5	3,91	1,08	-,90	-,10	,58	,86
Item 3	205	1	5	4,09	,87	-1,32	2,39	,64	,86
Item 4	205	1	5	3,79	,93	-1,14	1,61	,63	,86
Item 5 invertido	205	1	5	3,82	1,17	-,84	-,28	,69	,85
Item 6	205	1	5	3,65	1,01	-,76	,14	,59	,86
Item 7	205	1	5	4,01	,84	-1,42	3,30	,67	,86
Item 8 invertido	205	1	5	3,55	1,23	-,48	-,89	,36	,87
Item 9 invertido	205	1	5	3,52	1,19	-,24	-1,20	,45	,87
Item 10	205	1	5	3,62	,97	-,76	,35	,56	,86
Item 11	205	1	5	3,94	,94	-1,10	1,20	,60	,86
Item 12 invertido	205	1	5	4,06	,98	-1,15	,81	,41	,87
Item 13	205	1	5	4,10	,97	-1,11	,77	,44	,87
Item 14 invertido	205	1	5	3,75	1,21	-,87	-,23	,24	,88
Item 15	205	1	5	3,84	1,13	-1,10	0,64	,48	,87

4.3. Análise fatorial confirmatória

A análise da estrutura fatorial da EMS (Tabela 5) foi efetuada através do software EQS com estimativa por Máxima Verossimilhança (ML). Foram testados três modelos: um modelo unidimensional, um modelo bifatorial com a estrutura dos autores originais e um modelo bifatorial revisto. No modelo revisto foram eliminados os itens 8, 12 e 14 e realizada a inter-correlação entres os erros dos itens 2 e 5.

Os índices revelaram uma boa adequação do modelo Bifatorial Revisto (1) apontando para a hipótese de assunção dessa estrutura interna ao apresentar valores aceitáveis e consistentes com um ajustamento adequado: $S-B\chi^2/gf$ (1,95), IFI (0,98), NNFI (0,97), CFI (0,98) e RMSEA (0,07). Estes valores vão de encontro aos parâmetros considerados necessários e adequados, sendo que: $S-B\chi^2/gf < 2$ ou 3; $IFI \geq 0,90$ são considerados aceitáveis; CFI e NNFI $\geq 0,90$ e $RMSEA < 0,10$ indicam um ajustamento adequado (Byrne, 2006).

Tabela 5. Qualidade dos índices de ajuste para diferentes modelos da Escala de Satisfação Marital ENRICH

EMS	S-B χ^2	gl	S- B χ^2 /gl	IFI	NNFI	CFI	RMSEA	Intervalo Confiança (90%)	AIC
Modelo Unifatorial	394,13	90	4,38	,87	,85	,87	,13	,12 - ,14	214,13
Modelo bifatorial	394,45	89	4,43	,87	,85	,87	,13	,12 - ,14	216,45
Modelo Bifatorial Revisto (1)	101,60	52	1,95	,98	,97	,98	,07	,05 - ,09	-2,40

Nota. ML = Máxima Verossimilhança; $S-B\chi^2$ = Qui-Quadrado de Satorra-Bentler; df = Graus de Liberdade; IFI = Índice de Ajustamento Incremental; CFI = Índice de Ajuste Comparativo; NNFI = Índice de Ajuste Não-Normalizado RMSEA = Raiz Média dos Quadrados dos Erros de Aproximação; AIC = Critério de Informação de Akaike, (1) sem os itens 8, 12 e 14 e inter-correlação erro item 2-5.

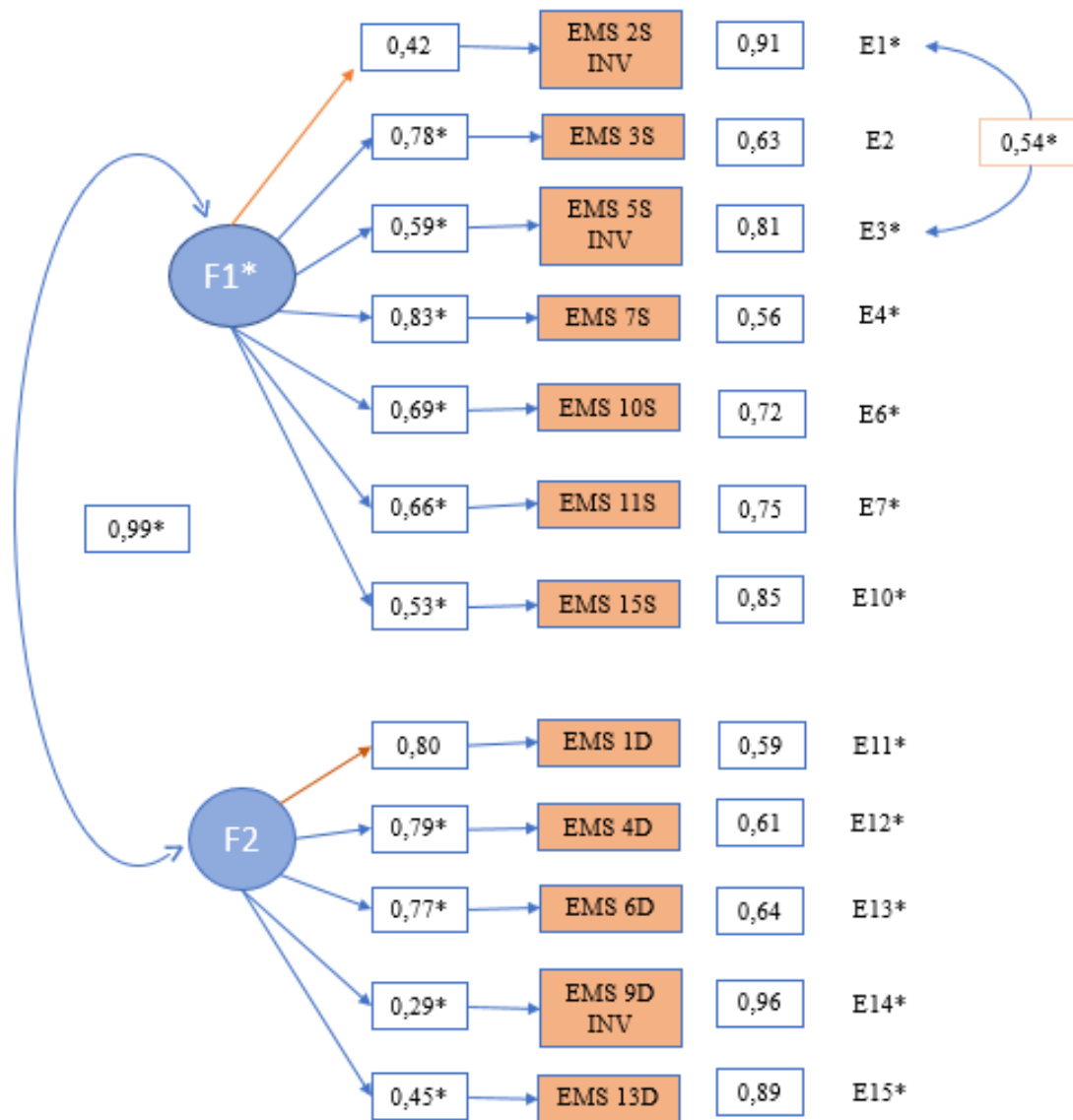


Figura 7. Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Satisfação Marital ENRICH. Modelo final com 12 itens, com as correlações entre erros sugeridas pelos índices de modificação.

Ao analisarmos a carga fatorial dos itens podemos constatar que todos eles apresentam cargas fatoriais iguais ou superiores a ,3 ($\lambda \geq ,3$) assumindo, desta forma, uma carga fatorial significativa (Field, 2009).

Tabela 6. Análise dos principais componentes da solução de dois fatores

EMS	F1 (Satisfação)	F2 (Distorção)
Item 1		,80
Item 2inv	,47	
Item 3	,77	
Item 4		,79
Item 5inv	,63	
Item 6		,76
Item 7	,82	
Item 9inv		,30
Item 10	,69	
Item 11	,66	
Item 13		,44
Item 15	,53	

Como se pode observar na tabela 6, os valores da carga fatorial do modelo bifatorial revisito variam entre ,30 (item 9) e ,82 (item 7).

Tabela 7. Alfas de Cronbach, média das correlações inter-itens e correlações item-total corrigidas

	Alfa	MIIC	CITCR
Satisfação	,84	,43	,49 - ,70
Distorção	,74	,40	,31 - ,63

Ao observarmos os valores de referência da tabela 7, podemos constatar que a escala apresenta valores de consistência interna fortes e adequados (,84 e ,74). No que diz respeito ao valor da média das correlações inter-item podemos assumir que os mesmos são adequados (,43

e ,40) revelando uma boa homogeneidade dos itens. Por fim, ao analisarmos os valores das correlações corrigidas entre o item e o total (,49 - ,70 e ,31 - ,63) podemos considerar que as mesmas são aceitáveis (>,40).

4.4. Análise da validade convergente e divergente do instrumento

Ao analisarmos os resultados apresentados na tabela 8, podemos observar a existência de uma relação entre a EMS e os restantes instrumentos, sendo que, no que concerne à relação entre a EMS e o PAI, a correlação é significativa e positiva, isto é, quanto mais elevada a satisfação marital maior é a aliança parental. No que diz respeito à correlação entre a EMS e o PSI, os resultados apontam para a existência de uma correlação negativa e fraca, ou seja, quanto menor a satisfação marital, mais elevado é o stresse parental.

É passível, ainda, de observação os resultados da média e desvio-padrão da aliança parental e do stresse parental. Os nossos resultados apontam para uma média de 86,93 ($DP = 11,91$) na análise da aliança parental. No caso da análise dos níveis de stresse parental, foi possível de alcançar uma média de 69,42 ($DP = 15,53$).

Tabela 8. Relação entre a Satisfação Marital, Aliança Parental e Stresse Parental

	Aliança Parental	Stresse Parental
Satisfação Marital	,60**	-,33**
M (DP)	86,93 (11,91)	69,42 (15,53)

**p< ,01

Capítulo 5 – Discussão

O presente estudo teve, como objetivo principal, analisar as propriedades psicométricas da Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS) de Fowers e Olson (1993) numa amostra da população geral de pais e mães. Pretendemos ainda, analisar se a validade do instrumento seria convergente com medidas de funcionamento familiar e se apresentaria validade discriminante com medidas de stresse parental.

De forma a responder ao objetivo primário, foi realizada uma análise fatorial confirmatória que pretendeu perceber se a estrutura da escala se manteria bidimensional e se apresentaria uma consistência interna adequada face a uma amostra da população portuguesa. Esta hipótese foi confirmada com a escala a apresentar um alfa de Cronbach de ,87 , valor ligeiramente superior à escala original ($\alpha = ,86$). Na sua formulação inicial, o instrumento apresentava valores de validade interna concordantes aos por nós encontrados ($\alpha = ,86$), valor confirmado na análise de teste-reteste da escala original (Fowers & Olson, 1993).

Os resultados obtidos na análise fatorial confirmatória suportaram a hipótese da utilização do instrumento na avaliação da satisfação marital na população portuguesa. Após a sua realização foi possível confirmar a estrutura bidimensional da escala, através do software EQS e do método estimador de máxima verosimilhança. Foi, no entanto, necessário reformular o modelo. Ainda que a estrutura da escala se mantivesse igualmente bifatorial, foi necessária a supressão de vários itens: no modelo bifatorial revisto foram eliminados os itens 8, 12 e 14 e realizada a inter-correlação entres os erros dos itens 2 e 5. Após a retirada dos mesmos, os índices revelaram uma boa adequação do modelo Bifatorial Revisto (1) apontando para a hipótese de assunção dessa estrutura interna ao apresentar valores aceitáveis e consistentes com um ajustamento adequado: $S-B\chi^2 / gl$ (1,95), IFI (0,98), NNFI (0,97), CFI (0,98) e RMSEA (0,07). Estes valores estão em conformidade com os parâmetros considerados necessários e

adequados, sendo que: $S-B\chi^2/df < 2$ ou 3 ; $IFI \geq 0,90$ são considerados aceitáveis; CFI e $NNFI \geq 0,90$ e $RMSEA < 0,10$ indicam um ajustamento adequado (Byrne, 2006).

Posteriormente foram analisados os valores de consistência interna da escala que se revelaram fortes e adequados ($,84$ e $,74$). O mesmo resultado foi passível de observação em relação ao valor da média das correlações inter-item, que se revelaram adequados e homogêneos ($,43$ e $,40$). Por fim, ao analisarmos os valores das correlações corrigidas entre o item e o total ($,49 - ,70$ e $,31 - ,63$) pudemos assumir que os mesmos eram aceitáveis ($>,40$). Todos estes indicadores suportam a nossa hipótese inicial de que as características psicométricas do instrumento se manteriam numa aplicação à população portuguesa.

Os resultados do nosso estudo vão de encontro aos resultados obtidos pelo instrumento na sua versão original, mas também, aos resultados de Ferrão, Andrade e Silva (2019). Estes autores apresentaram a adaptação e as evidências psicométricas iniciais deste instrumento para a população brasileira e chegaram a um modelo com valores de boa evidência de precisão do instrumento ($\alpha = 0,78$), a evidências de validade convergente com instrumentos de avaliação da satisfação marital ($\alpha = 0,79$) e a evidências de uma correlação negativa ($\alpha = - 0,45$) com medida de stresse percebido. Ainda que o estudo em questão tenha optado por, na sua pesquisa, não incluírem os 5 itens afetos à dimensão da Distorção Idealizada que os autores do instrumento criaram mantendo a sua pesquisa apenas na dimensão Satisfação Marital (10 itens), os resultados foram concordantes aos por nós encontrados, levando-nos a considerar que este instrumento se apresenta como uma mais valia na avaliação do construto em ambas as populações alvo.

Na nossa pesquisa foi possível de verificar que o nível de satisfação marital dos participantes se situava no percentil 45 da escala avaliativa. Estes dados suscitaram uma comparação com os resultados de Fowers e Olson (1993), tendo sido possível de perceber que os dados iam ao encontro aos por nós encontrados ($M = 31,6$; $DP = 8,7$ em participantes

femininas e $M = 30,0$; $DP = 9,8$ em participantes masculinos). Acreditamos que a proximidade de valores possa estar relacionada, de alguma forma, com a média de idades da prole da nossa amostra. Tal como os autores defendem, o instrumento apresentou resultados concordantes com os esperados se levarmos em consideração o modelo em forma de U do ciclo da satisfação dos casais. Nesse sentido, e valorizando que a média de idades dos filhos da nossa amostra se apresenta por volta dos 6 anos de idade, pudemos perceber que existe a possibilidade de também a nossa amostra corresponder aos valores esperados pelo modelo em questão. Fowers e Olson (1993) defendiam que entre os 6 e os 12 anos de idade dos filhos, os casais, apresentariam um aumento do nível de satisfação marital que sucederia a níveis mais baixos percebidos durante os 0 e os 5 anos dos filhos, havendo um aumento mais significativo nas participantes do sexo feminino. Tais resultados são concordantes aos por nós obtidos ($M = 33,69$; $DP = 4,93$).

Como segundo objetivo, este estudo, procurava perceber se a validade do instrumento seria convergente com medidas do funcionamento familiar e se apresentaria validade discriminante com medidas de stresse parental. Após a análise dos resultados, observámos relações entre a satisfação marital e as outras dimensões do funcionamento familiar. Os resultados indicaram que, no que concerne à relação entre a EMS e o PAI, a correlação é significativa e positiva, isto é, quanto mais elevada a satisfação marital maior é a aliança parental. Estes dados vão ao encontro a outros estudos que sugerem que o nível de satisfação marital e a qualidade da mesma, pode contribuir para o desenvolvimento e manutenção de uma aliança parental forte, da mesma forma que relacionamentos mais insatisfatórios poderão afetar o desenvolvimento e ter consequências na parentalidade (Belsky, 1984; Burman, John, & Margolin, 1987; Cohen e Weissman, 1984; Fauber & Long, 1991; Feinberg 2002, 2003; Jouriles & Farris, 1992).

O estudo de Nunes, Nunes e Lemos (2013) apresentou resultados que apontam para valores de aliança parental menores em mães de famílias em risco monoparentais, separadas ou

divorciadas, dados que levaram as autoras a refletir sobre a necessidade de incluir o reforço da aliança parental nas famílias em risco nas intervenções psicoeducativas. Estes dados vão de encontro aos por nós encontrados quando indicamos a existência de uma correlação significativa e positiva entre medidas do funcionamento familiar e medidas de aliança parental. Ainda que, o nosso estudo não incida sobre uma amostra similar aos descritos anteriormente, parece-nos pertinente a associação e comparação estas estas amostras distintas e a reflexão de como a satisfação marital poderá nestes casos ser menor comparando com uma população comunitária vs em risco. Na verdade, vários estudos apontam para essa mesma hipótese, de que os valores de satisfação marital tendem a ser menores em amostras de famílias em risco (Magnuson e Duncan, 2002). Intervenções que trabalhem sobre este olhar poderão ter resultados mais significativos ao nível das dinâmicas familiares e relacionais.

No seguimento da análise do segundo objetivo do nosso estudo, observámos uma correlação significativa, negativa e fraca entre a satisfação marital e o stresse parental, ou seja, quanto menor a satisfação marital, mais elevado é o stresse parental. Esta relação já tinha sido encontrada noutros estudos, pais com maiores níveis de satisfação marital, tendem a ter menores níveis de stresse e de stresse parental e, conseqüentemente, a apresentarem melhores práticas educativas, melhor relação e consciencialização face à prole (Belsky, 1984; Garcia et al., 2006; Grych, 2002). Estes resultados vão de encontro à premissa de Brody et al. (1986) que sugere que o nível de satisfação marital poderá ser um indicador da qualidade da relação parental: cônjuges com maior nível de satisfação marital apresentam maior sensibilidade parental, uma maior satisfação parental e práticas parentais mais responsivas, comparativamente aos casais que apresentam um menor índice de satisfação na relação. Também na validação brasileira da escala foi possível observar uma correlação negativa entre as medidas de avaliação de satisfação marital e de stresse percebido ($r = - 0,45$). Ainda que, o nosso propósito tenha sido a análise da correlação entre satisfação marital e stresse parental, parece-nos importante refletir como este

construto pode estar relacionado não só com os níveis de stresse parental, mas, inclusivamente, com medidas de stresse geral. Esta hipótese leva-nos à reflexão sobre a importância real que os níveis de satisfação na relação podem assumir em áreas distintas do funcionamento do indivíduo. Pesquisas futuras podem vir a reforçar o entendimento sobre a influência desta dimensão em áreas que *a priori* poderiam não ser entendidas como afetadas à mesma. Domínios como a interação entre trabalho e família são apontados pelas pesquisas como passíveis de serem influenciadas pelas demandas que uma relação amorosa pode exigir (De Andrade et al., 2017; Fellows, Chiu, Hill, & Hawkins, 2016).

No contexto atual, em que uma pandemia inesperada lançou à população mundial um desafio económico maior do que a crise de 2008, em que as crianças foram obrigadas a permanecer em casa e a viverem com uma incerteza gritante sobre o futuro e em que, principalmente, os pais viram o seu papel parental confluir, em tempo e espaço, com o seu papel de trabalhador/colaborador laboral, pesquisas que entendam como os níveis de stresse parental e, concomitantemente, os níveis de satisfação marital podem ter sido afetados pela confluência dos mesmos, podem vir a ser um trabalho interessante e necessário para um melhor ajustamento a esta nova realidade trazida pelo COVID-19. Da mesma forma, pesquisas que incidam sobre os efeitos que a miscelânea de papéis simultâneos que os pais foram obrigados a assumir tiveram na Satisfação Marital poderão ser um desafio interessante. No seguimento desta nova realidade, podemos refletir ainda sobre a importância que contextos de risco possam assumir nestas dimensões e que tipo de influência poderão ter nos mesmos.

Pérez, Nunes, Nunes, & Hidalgo (2012), encontraram no seu estudo, com amostras de mães espanholas e portuguesas de famílias em risco, altos níveis de stresse parental que superavam inclusive os níveis clínicos indicados no PSI-SF, demonstrando que as mesmas experimentavam de uma forma negativa e aversiva as funções maternas. Quando compararam as duas populações, puderam perceber que as mães portuguesas percebiam as interações com

os seus filhos como mais stressantes comparativamente às mães espanholas. É de salientar porém, o fato deste estudo não ter encontrado associações entre o cúmulo de situações stressantes nestas populações e os níveis de stresse parental percebido, como seria de esperar segundo Chang e Fine (2007), os quais acreditavam na existência de uma relação entre os acontecimentos de vida e o nível de stresse das mães que vivem em circunstâncias mais desfavoráveis.

Ao verificarmos uma associação negativa entre a satisfação marital e o stresse parental, podemos refletir sobre a importância que estes dados assumem. Valorizando o contributo que a satisfação marital assume como factor stressor parental relevante (Abidin, 1992) e como influência direta da parentalidade (Belsky & Jafee, 2015), podemos analisar o tipo de influência que este construto assume nestes valores. Será uma consequência ou influência para os mesmos? Sabemos que, as famílias em risco apresentam uma maior probabilidade de findar relações conjugais e que a aliança parental pode sofrer consequências dessa decisão (Pérez et al., 2012). Como poderão então as famílias em risco ver os seus níveis de stresse parental reduzidos se as relações conjugais se apresentam por si só abonatórias a esse aumento?

Programas interventivos quer ao nível do casal, quer ao nível da aliança parental e stresse parental deverão levar estes dados em consideração como mote para o fortalecimento e preservação familiar.

Capítulo 6 - Conclusões e Limitações

A compreensão da parentalidade e dos seus desafios, é uma questão teórica de extrema importância. Compreender as variáveis que podem potenciar uma prática eficaz e efetiva de uma parentalidade positiva permitirá desenhar intervenções efetivas e ajustadas às necessidades das famílias.

A intervenção e prevenção em famílias consideradas de risco torna esta temática ainda mais relevante. Ao associarmos o fenómeno da prevenção e intervenção na parentalidade com a intervenção e compreensão na conjugalidade, poderemos, tal como defende Belsky (1986), estar a intervir numa das bases mais estruturantes não só da família, como também do desenvolvimento da criança.

Para conhecer os problemas e necessidades das famílias necessitamos, no entanto, de instrumentos validados e adaptados culturalmente. Pensamos que este é o contributo do presente estudo: validar uma ferramenta que permite avaliar a satisfação marital de modo breve e com boas características psicométricas.

Ainda que, as investigações sobre a parentalidade incidam frequentemente sobre contextos de risco, e até em contextos de maus tratos a menores, o seu racional teórico subjacente é que este fenómeno é uma demonstração máxima das fracas qualidades dos cuidadores (Luster & Okagaki, 2005). Para podermos trabalhar, compreender e fomentarmos a parentalidade positiva, devemos, além de estudarmos e analisarmos o funcionamento da família, conhecer e compreender a influência que os processos da construção do casal podem implicar e de que forma poderão cimentar e suportar o exercício da parentalidade.

O nosso estudo pretendeu reforçar a importância da investigação da relação entre os diversos fenómenos e a necessidade de serem trabalhadas variáveis da conjugalidade como forma de intervenção direta e indireta na parentalidade, não só em famílias sem historial de

referenciação, como também, em famílias em risco psicossocial. Tentámos fazê-lo através da análise confirmatória das qualidades psicométricas da EMS e através da análise divergente e convergente de medidas de satisfação marital e de stresse e aliança parental.

Para planear uma ação preventiva e interventiva na parentalidade, devemos necessariamente ter em consideração um dos determinantes basilares do mesmo: a relação conjugal. Esta dimensão da realidade sistémica que uma família compõe, deverá incidir não só no fenómeno em si como também nos alicerces da mesma, valorizando-a ativamente como motor do plano interventivo em famílias e em especial em famílias em risco psicossocial.

Numa investigação futura poderíamos trabalhar com uma amostra maior e que abrange-se famílias de todo o território nacional. O facto de a amostra do nosso estudo ter representado apenas famílias residentes no Algarve, e a especificidade geográfica que tal representa, é uma das limitações do nosso estudo. Gostaríamos ainda de ressaltar que as famílias da amostra em causa não apresentavam qualquer indício prévio de risco psicossocial. Um estudo futuro poderia tentar perceber se, de alguma forma, famílias em risco poderiam exibir resultados discordantes aos aqui apresentados. Verdade é que, no presente estudo, não foram explorado o número de filhos de cada casal e a influência que essa variável poderia assumir nos níveis de satisfação apresentados. Esta influência poderia constituir uma pedra basilar em estudos futuros.

Referências Bibliográficas

- Abidin, R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology* Vol.21, No. 4, 407-412. doi: 10.1207/s15374424jccp2104_12
- Abidin, R. (1995). *Parenting Stress Index. Professional Manual (3ª Ed.)*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Abidin, R. (2012). *Parenting Stress Index (4th ed.)*. Lutz, Florida: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Abidin, R., & Brunner, J. F. (1995). Development of a parenting alliance inventory. *Journal of Clinical Child Psychology*, 24 (1), 31-40. doi: 10.1207/s15374424jccp2401_4
- Anastopoulos, A. D., Guevremont, D. C., Shelton, T. L., & DuPaul, G. J. (1992). Parenting stress among families of children with attention deficit hyperactivity disorder. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 20, 503-520. doi: 10.1007/BF00916812
- Andrade, A., Garcia, A., & Cano, D. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática* , 11(3), 143-156. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n3/v11n3a12.pdf>
- Antoine, P., Christophe, V., & Nandrino, J. L. (2008). Dyadic Adjustment Scale: clinical interest of a revision and validation of an abbreviated form. *Encephale – Revue de Psychiatrie Clinique Biologique et Therapeutique*, 34 (1), 38-46.
- Behnke, A. O., MacDermid, S. M., Coltrane, S. L., Parke, R. D., Duffy, S., & Widaman, K. F. (2008). Family cohesion in the lives of Mexican American and European

- American parents. *Journal of Marriage and Family*, 70, 1045-1059. doi: 10.1111/j.1741-3737.2008.00545.x
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96. doi: 10.1111/j.1467-8624.1984.tb00275.x
- Belsky, J., & Jafee, S. R. (2015). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds), *Developmental psychopathology: Risk, disorder, and adaptation* (2nd ed., Vol. 3, pp. 38–85). Wiley Online Library.
- Belsky, J., & Pensky, E. (1988). Marital change across the transition to parenthood. *Marriage and Family Review*, 12, 133-156. doi: 10.1300/J002v12n03_08
- Belsky, J., Rovine, M., & Fish, M. (1989). The developing system. In M. R. Gunnar & E. Thelen. *Systems and development: The Minnesota symposia and child psychology* (pp. 119-166). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Benetti, S. P. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 261-268. doi: 10.1590/S0102-79722006000200012
- Bentler, P., & Wu, E. (2015). *Supplement to EQS 6.3 for Windows user's guide*. Temple City, CA: Multivariate Software.
- Blair, S. L., Wenk, D., & Hardesty, C. (1994). Marital quality and paternal involvement: Interconnections of men's spousal and parental roles. *The Journal of Men's Studies*, 2, 221-237. doi: 10.3149/jms.0203.221
- Blair, S. L., Wenk, D., & Hardesty, C. (1994). Marital quality and paternal involvement: Inter-connections of men's spousal and parental roles. *The Journal of Men's Studies*, 2, 221-237. doi: 10.3149%2Fjms.0203.221

- Bray, J. H., & Jouriles, E. N. (1995). Treatment of marital conflicts and prevention of divorce. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21, 461-473. doi: 10.1111/j.1752-0606.1995.tb00175.x
- Brody, G. H., Pellegrini, A., & Sigel, I. (1986). Marital quality and mother-child and father-child interactions with school-aged children. *Developmental Psychology*, 22, 291-296. doi: 10.1037/0012-1649.22.3.291
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burman, B., John, R. S., & Margolin, G. (1987). Effects of marital and parent-child relations on children's adjustment. *Journal of Family Psychology*, 1(1), 91-108. doi: 10.1037/h0080439
- Byrne, B. (2006). *Structural equation modeling with EQS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Castanheira, E., Correia, P., & Costa, E. C. (2017). Relação entre morbidade psicológica, variáveis sociodemográficas e clínicas, percepção de intimidade relacional, satisfação conjugal e preocupações sentidas durante a gravidez. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 33, 334-44. Obtido em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2182-51732017000500004&lng=pt&nrm=iso
- Chang, Y., & Fine, M. A. (2007). Modeling parenting stress trajectories among low-income young mothers across the child's second and third years: factors accounting for stability and change. *Journal of Family Psychology*, 21, 584-594. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.584

- Christopher, C., Umemura, T., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital quality over the transition to parenthood as a predictor of coparenting. *Journal of Child and Family Studies, 24*(12), 3636-3651. doi: 10.1007/s10826-015-0172-0.
- Cohen, R. S., & Weissman, S. H. (1984). The parenting alliance. Em B. J. R. S. Cohen, *Parenthood: A psychodynamic perspective*. (pp. 33-49). New York: Guilford.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent sons. *Child Development, 63*, 526-541. doi: 10.2307/1131344
- Crane, D. R., Middleton, K. C., & Bean, R. A. (2000). Establishing criterion scores for the Kansas Marital Satisfaction Scale and the Revised Dyadic Adjustment Scale. *The American Journal of Family Therapy, 28*, 53-60. doi: 10.1080/019261800261815
- Crnic, K. A., Gaze, C., & Hoffman, C. (2005). Cumulative parenting stress across the preschool period: Relations to maternal parenting and child behaviour at age 5. *Infant and Child Development: an International Journal of Research and Practice, 14*, 117-132. doi: 10.1002/(ISSN)1522-7219
- De Andrade, A. L., Oliveira, M. Z., & Hatfield, E. (2017). Conflito trabalho-família: um estudo com brasileiros e norte-americanos. *Revista Psicologia, Organizações e Trabalho, 17*(2), 106–113. doi: 10.17652/rpot/2017.2.12738.
- Deater-Deckard, K., & Scarr, S. (1996). Parenting stress among dual-earner mothers and fathers: Are there gender differences? *Journal of Family Psychology, 10*(1), 45–59. doi: 10.1037/0893-3200.10.1.45

- Diário da República. (27 de junho de 2018). *Acção de Saúde para Crianças e Jovens em Risco*. Obtido de Diário da República Digital: <https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/legislacao-relacionada/despacho-n-312922008-de-5-de-dezembro.aspx>
- Doherty, W. J., & Jacobson, N. S. (1982). *Marriage and family*. In B.B. Wolman (Ed.) *Handbook of developmental psychology*. Englewood Cliffs NJ: Prentice Hall.
- Doherty, W. J., Kouneski, E. F., & Erickson, M. F. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 277-292. Obtido de <https://pdfs.semanticscholar.org/0327/757f43a61f6df16e7fa3ebf6f0736d2e0e48.pdf>
- Dunn, T., Baguley, T., & Brunsten, V. (2014). From alpha to omega: A practical solution to the pervasive problem of internal consistency estimation. *British Journal of Psychology*, 105, 399–412. doi: 10.1111/bjop.12046
- Emery, R. E. (1988). *Marriage, divorce and children adjustment*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parenta-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.108
- Estes, A., Munson, J., Dawson, G., Koehler, E., Zhou, X.-H., & Abbott, R. (2009). Parenting stress and psychological functioning among mothers of preschool children with autism and developmental. *Autism*, 13, 375-387. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/26300460_Parenting_stress_and_psyc

hological_functioning_among_mothers_of_preschool_children_with_autism_and_developmental_delay

- Farmer, A. Y., & Lee, S. K. (2011). The effects of parenting stress, perceived mastery, and maternal depression on parent–child interaction. *Journal of Social Service Research, 37*, 516-525. doi: 10.1080/01488376.2011.607367
- Fauber, R. L., & Long, N. (1991). Children in context: The role of the family in child psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 59*(6), 813-820. doi: 10.1037/0022-006X.59.6.813
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review, 5*(3), 173-195. doi: 10.1023/A:101969501511
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting, 3*(2), 95-131. doi: 10.1207/S15327922PAR0302_01
- Fellows, K. J., Chiu, H. Y., Hill, E. J., & Hawkins, A. J. (2016). Work–family conflict and couple relationship quality: a meta-analytic study. *Journal of Family and Economic Issues, 37*(4), 509–518. doi: 10.1007/s10834-015-9450-7.
- Ferguson, C. (2009). An effect size primer: A guide for clinicians and researchers. *Professional Psychology: Research and Practice, 40*, 532–538. doi: 10.1037/a0015808
- Fergusson, D. M., & Horwood, L. J. (1998). Exposure to interparental violence in childhood and psychological adjustment in young adulthood. *Child Abuse & Neglect, 22*, 339-357. doi: 10.1016/S0145-2134(98)00004-0

- Ferrão, L. F., Andrade, A. L., & Silva, F. C. (2019). Escala ENRICH de satisfação conjugal: adaptação e evidências psicométricas. *Psicologia em Pesquisa*, 128-146. doi: 10.34019/1982-1247.2019.v13.26089
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics Using SPSS (and sex and drugs and rock 'n' roll)*. London: SAGE.
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. (2010). Marriage in the new millennium: A decade in review. *Journal of Marriage & Family* 73, 630-649. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00722.x
- Fowers, B. J., & Olson, D. H. (1983). ENRICH Marital Inventory: A discriminant validity and cross-validation assessment. *Journal of Marital and Family Therapy*, 15, 65-79. doi: 10.1111/j.1752-0606.1989.tb00777.x
- Fowers, B. J., & Olson, D. H. (1993). ENRICH Marital Satisfaction Scale: A brief research and clinical tool. *Journal of Family Psychology Vol.7* , 176-185. doi: 10.1037/0893-3200.7.2.176
- Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with Item Response Theory: increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the couples satisfaction index. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 572-583. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.572
- Gable, S., Belsky, J., & Crnic, K. (1992). Marriage, parenting, and child development: Progress and prospects. *Journal of Family Psychology*, 5(3-4), 276-294. doi: 10.1037/0893-3200.5.3-4.276
- García, V., Bernal, M., & Marín, I. (2012). Estrés parental, trato rudo y monitoreo como factores asociados a la conducta agresiva. *Universitas Psychologica*, 11, N.º1,

<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/%20article/viewFile/842/15>

33

Gomez, R., & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 625-638.

Obtido de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312008000400008&lng=pt&tlng=pt

Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*, 169-197. doi: 10.1146/annurev.psych.49.1.169

Grych, J. H. (2002). Marital relationships and parenting. Em M. H. Bornstein, *Handbook of Parenting: Social Conditions and Applied Parenting*, 2ª ed., Vol. 4 (pp. 203-225). Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Hatfield, E., Bensman, L., & Rapson, L. R. (2012). A brief history of social scientists' attempts to measure passionate love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29(2), 143-164. doi: 10.1177/0265407511431055.

Hernandez, J. A. (2014). Evidências de validade da Escala de Avaliação do Relacionamento. *Estudos de Psicologia - Campinas*, 327-336. doi: 10.1590/0103-166X2014000300001

Holly, L. E., Fenley, A. R., Kritikos, T. K., Merson, R. A., Abidin, R. R., & Langer, D. A. (2019). Evidence-base update for parenting stress measures. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 48(5), 685-705. doi: 10.1080/15374416.2019.1639515

- Huh, D., Tristan, J., Wade, E., & Stice, E. (2006). Does problem behavior elicit poor parenting? A prospective study of adolescent girls. *Journal of Adolescent Research, 21*, 185-204. doi: 10.1177%2F0743558405285462
- Hundertmark, J., Esterman, A., D.Ben-Tovim, Austin, M. A., & Dougherty, M. (2007). The South Australian couples sildenafil study: double-blind, parallel-group randomized controlled study to examine the psychological and relationship consequences of sildenafil use in couples. *Journal of Sexual Medicine, 4* (4), 1126-1135. doi: 10.1111/j.1743-6109.2007.00536.x
- IBM SPSS. (2017). *IBM SPSS statistics base 25. Chicago, IL: SPSS*. Chicago, IL: SPSS.
- Ispa, J. M., Fine, M. A., Halgunseth, L. C., Harper, S., Robinson, J., Boyce, L., & Brady-Smith, C. (2004). Maternal intrusiveness, maternal warmth, and mother–toddler relationship outcomes: Variations across low-income ethnic and acculturation groups. *Child Development, 75*, 1613–1631. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00806.x
- Jouriles, E. N., & Farris, A. M. (1992). Effects of marital conflict on subsequent parent–son interactions. *Behavior Therapy, 23*(3), 355-374. doi: 10.1016/S0005-7894(05)80163-7
- Kardatzke, K. N. (2009). *Perceived stress, adult attachment, dyadic coping and marital satisfaction of counseling graduate students*. Dissertação de Doutorado Universidade de Carolina Do Norte.
- Katz, L. F., & Gottman, J. M. (1993). Patterns of marital conflict predict children’s internalizing and externalizing behaviors. *Developmental Psychology, 29*, 940-950. doi: 10.1037/0012-1649.29.6.940

- Kiecolt-Glaser, J. K., Gouin, J. P., & Hantsoo, L. (2010). Close relationships, inflammation, and health. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, *35*(1), 33-38. doi: 10.1016/j.neubiorev.2009.09.003
- King, V. (2003). The influence of religion on fathers' relationships with their children. *Journal of Marriage and Family*, *65*, 382-395. doi: 10.1111/j.1741-3737.2003.00382.x
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A metaanalytic review. *Family Relations*, *49*, 25-44. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x
- Laub, H. L., Nagin, D. S., & Sampson, R. J. (1998). Trajectories of change in criminal offending: Good marriages and the desistance process. *American Sociological Review* *63*, 225-238. Obtido de https://scholar.harvard.edu/sampson/files/1998_asr_trajectories.pdf
- Lawrance, K. A., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, *2* (4), 267-285. doi: 10.1111/j.1475-6811.1995.tb00092.x
- Lee, C.-Y. S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and father involvement. *Fathering*, *Vol. 5, No. 2*, 75-96. doi: 10.3149/fth.0502.75
- Leech, N., Barrett, K., & Morgan, G. (2015). *IBM SPSS for intermediate statistics*. New York, NY: LEA.
- Lesch, E., & Engelbrecht, S. (2008). The reliability of the Dyadic Satisfaction (DS) subscale in a low-income semi-rural South African community. *Journal of Psychology in Africa*, *18* (2), 245-248. Obtido de

https://www.researchgate.net/publication/289203511_The_reliability_of_the_Dyadic_Satisfaction_DS_subscale_in_a_low-income_semi-rural_South_African_community

Li, T., & Fung, H. H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology, 15* (3), 246-254. doi: 10.1037/a0024694

Litzinger, S., & Gordon, K. (2005). Exploring relationship among communication, sexual satisfaction and marital satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy, 31*, 209-424. doi: 10.1080/00926230591006719

Locke, H. J., & Wallace, K. M. (1959). Short marital adjustment and prediction tests: Their reliability and validity. *Marriage and Family Living, 21*, 251-255. doi: 10.2307/348022

M. Z. Wamboldt, & Wamboldt, F. S. (2000). Role of the family in the onset and outcome of childhood disorders: Selected research findings. *Journal of American Academy of Child, 39*, 1212-1219. doi: 10.1097/00004583-200010000-00006

Mackintosh, V. H., Myers, B. J., & Kennon, S. S. (2006). Children of incarcerated mothers and their caregivers: Factors affecting the quality of their relationship. *Journal of Child and Family Studies, 15*(5), 581-596. doi: 10.1007/s10826-006-9030-4

Magnuson, K. A., & Duncan, J. G. (2002). *Parents in Poverty. In: M. H. Bornstein (ed.), Handbook of parenting. Vol. 4: Social conditions and applied parenting (2nd ed.)*. Mahwah: M. H. Bornstein (ed.),.

Marques, E. (2000). *O Amor e a Qualidade Conjugal em Estudantes do Ensino Pós-Graduado* (Tese de Dissertação). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

- Marques, E. (2001). Amor e qualidade de vida conjugal: Aplicações do inventário ENRICH. *Interações*, 1, 79-107. Obtido de <http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/18>.
- McGuire, J., & Barber, B. (2010). A person-centered approach to the multifaceted nature of young adult sexual behavior. *Journal of Sex Research*, 47(4), 301-313. doi: 10.1080/00224490903062266
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289–302. doi: 10.2307/1129720
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mitchell, D. B., & Hauser-Cram, P. (2010). Early childhood predictors of mothers' and fathers' relationships with adolescents with developmental. *Journal of Intellectual Disability Research*, 54, 487-500. doi: 10.1111/j.1365-2788.2010.01268.x
- Mitchell, R. E., & Trickett, E. J. (1980). Task force report: Social networks as mediators of social support an analysis of the effects and determinants of social networks. *Community Mental Health Journal*, 16(1), 27-44. doi: 10.1007/BF00780665
- Morrill, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Córdova, J. V. (2010). Pathways between marriage and parenting for wives and husbands: The role of coparenting. *Family Process*, 49(1), 59–73. doi: 10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x.
- Mosmann, C. P., Costa, C. B., Silva, A. G., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1). doi: 10.9788/TP2018.1-17Pt.

- Mosmann, C., Wagner, A., & Sarriera, J. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos parentais: O perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *Psicologia* vol.22 no.2, 161-182. Obtido de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492008000200010&lng=pt&tlng=pt.
- Mugford, S. K., & Lally, J. (1981). Sex, Reported Happiness, and the Well-Being of Married Individuals: A test of Bernard's hypothesis in an Australian sample. *Journal of Marriage and the Family*, 969-975. doi: 10.2307/351352
- Narciso, I. (1994/1995). Metamorfoses do amor e da satisfação conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 129-139.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas não perfeitas – à procura do padrão que liga*. Dissertação de Doutoramento pela FPCEUL (não publicado).
- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Network, N. E. (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14, 200-219. doi: 10.1037//D893-3200.14.2.200
- Norgren, M. d., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 575-584. Obtido de <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a20v09n3.pdf>

- Nunes, C., & Lemos, I. (2010). Tradução do Parenting Alliance Inventory (PAI). Documento não publicado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- Nunes, L. A., Nunes, C., & Lemos, I. (2013). Parenting alliance among mothers of psychosocially at-risk families. *Discussion Papers - Spatial and Organizational Dynamics, Number 13*, 18-30.
- Nunnally, J. C., & I. H., J. C. (1994). *Psychometric theory (3rd ed.)*. New York: McGraw-Hill.
- Olson, D. H., & Fowers, B. J. (1993). Five types of marriage: An empirical typology based on ENRICH. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 1 (3)*, 196-207. Obtido de <https://www.prepare-enrich.com/pe/pdf/research/study6.pdf>
- Olson, D. H., & Olson, A. K. (1997). *PREPARE/ENRICH Program: Version 2000*. Minneapolis: Life Innovations, Inc.
- Patterson, G. R., Debarryshe, B., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist, 44*, 329-335. doi: 10.1037/0003-066X.44.2.329
- Pérez, I., & Estrada, S. (2006). Intimidad y comunicación en cuatro etapas de la vida de pareja: su relación con la satisfacción marital. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología, 12*, 133-163. Obtido de <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=28&sid=2c30f83f-01ec-496f-ae1d-5722e2b12894%40sessionmgr4004&hid=4107>
- Pérez Padilla, J., Ayala Nunes, L., Nunes, C., & Hidalgo García, V. (2012). Estrés parental, cohesión y adaptación en familias con menores en riesgo psicosocial: un

estudio comparativo entre Andalucía occidental y el Algarve. Livro de atas do XI Congresso internacional de infância maltratada, Oviedo, 17-19 outubro

Pipp-Siegel, S., Sedey, A., & Yoshinaga-Itano, C. (2002). Predictors of parental stress in mothers of young children with hearing loss. *Journal of Deaf Studies and Education*, 7:1, 7-17. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/8263263_Predictors_of_Parental_Stress_in_Mothers_of_Young_Children_With_Hearing_Loss

Pollmann-Schult, M. (2014). Parenthood and life satisfaction: why don't children make people happy? *Journal of Marriage and Family*, 76 (2), 319-336. doi: 10.1111/jomf.12095

Putnick, D. L., Bornstein, M. H., Hendricks, C., Painter, K. M., Suwalsky, J. T., & Collins, W. A. (2008). Suwalsky, J. T. D., & Collins, W. A. (2008). Parenting stress, perceived parenting behaviors, and adolescent self-concept in European American families. *Journal of Family Psychology*, 22, 752-762. doi: 10.1037/a0013177

R. Wachelke, J. F., Andrade, A. L., Cruz, R., B. Faggiani, R., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousf/v9n1/v9n1a03.pdf>

Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: CLIMEPSI.

Rodgers, A. (1998). Multiple sources of stress and parenting behavior. *Children and Youth Services Review*, 20, N.º 6, 525-546. Obtido de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S019074099800022X>

- Russell, R. J., & Wells, P. A. (1994). Personality and quality of marriage. *British Journal of Psychology*, 85, 161-168. doi: 10.1111/j.2044-8295.1994.tb02516.x
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 137-142. doi: 10.1177/0265407598151009
- Santos, S. V. (Julho, 2011). Versão portuguesa do Parenting Stress Index (PSI) – Forma Reduzida: Estudo com uma amostra de mães de crianças com idade inferior a 5 anos. *VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica e XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica*. Lisboa: Formas e Contextos.
- Schumm, W., Nichols, C., Schectman, K., & Grigsby, C. C. (1893). Characteristics of responses to the Kansas Marital Satisfaction Scale by a sample of 84 married mothers. *Psychological Reports*, 53, 567–572.
- Schumm, W., Scanlon, E., Crow, C. L., Green, D. N., & Buckler, D. L. (1983). Characteristics of the Kansas Marital Satisfaction Scale in a sample of 79 married couples. *Psychological Reports*, 53, 583-588.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. *Psico-USF*, 15(2), 249-256. doi: 10.1590/S1413-82712010000200012.
- Shek, D. T., & Cheung, C. K. (2008). Dimensionality of the Chinese Dyadic Adjustment Scale based on confirmatory factor analyses. *Social Indicators Research*, 86 (2), 201-2012. Obtido de <https://econpapers.repec.org/scripts/redir.pf?u=https%3A%2F%2Fdoi.org%2F10.1007%252Fs11205-007-9108-4;h=repec:spr:soinre:v:86:y:2008:i:2:p:201-212>

- Shen, A. C. (2001). The applicability of Western marital satisfaction measures for couples in Taiwan based on ENRICH. *Psychological Testing*, 48(2), 131-151. Obtido de <https://www.prepare-enrich.com/pe/pdf/research/enrichchinesecouples.pdf>.
- Snyder, D. K. (1979). Multidimensional assessment of marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 813-823. doi: 10.2307/351481
- Spanier, G. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28. doi: 10.2307/350547
- Stephen, C., & Raj, S. J. (2014). U-shaped curve of marital satisfaction: an Indian scenario. *Research Horizons*, 4, 176-183. doi: 10.2307/352971
- Sternberg, R. (1989). *El triángulo del amor: intimidad, amor, compromiso*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Streisand, R., Kazak, A. E., & Tercyak, K. P. (2003). Pediatric-specific parenting stress and family functioning in parents of children treated for cancer. *Children's Health Care*, 32, 245-256. doi: 10.1207/S15326888CHC3204_1
- Tompson, L. (1988). Women, men and marital quality (comment). *Journal of Family Psychology*, 95-100. doi: 10.1037/h0080478
- Tripp, G., Schaughency, E. A., Langlands, R., & Mouat, K. (2007). Family interactions in children with and without ADHD. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 385-400. doi: 10.1007/s10826-006-9093-2
- Urbina, S. (2014). *Essentials of psychological testing (2nd ed.)*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

- Vanassche, S., Swicegood, G., & Matthijs, K. (2013). Marriage and children as a key to happiness? Cross-national differences in the effect of marital status and children on well-being. *Journal of Happiness Studies, 14*, 501-524. doi: 10.1007/s10902-012-9340-8
- Vondra, J., Sysko, J., & Belsky, J. (2005). Developmental origins of parenting: Personality and relationship factors. Em T. Luster, & L. Okagaki, *Monographs in parenting. Parenting: An ecological perspective* (pp. 35-71). Lawrence Erlbaum Associate.
- Wade, T. J., & Pevalin, D. J. (2004). Marital transitions and mental health. *Journal of Health and Social Behavior, 45*, 155-170. doi: 10.1177/002214650404500203
- Whisman, M. A. (1997). Satisfaction in close relationships: Challenges for the 21st century. Em J. Sternberg, & M. H. (eds.), *Satisfaction in close relationships*. New York: The Guilford Press.
- Whisman, M. A. (2007). Marital distress and DSM-IV psychiatric disorders in a population-based national survey. *Abnormal Psychology, 116*, 638-643. doi: 10.1037/0021843X.116.3.638
- Whisman, M. A. (2019). Psychopathology and couple and family functioning. *APA handbook of contemporary family psychology: Applications and broad impact of family psychology, Vol. 2* (pp. 3-20). American Psychological Association, 3-20.
- Yeh, H., Lorenz, F., Wickrama, K., & Conger, R. (2006). Relationships among sexual satisfaction, marital quality, and marital instability at midlife. *Journal of Family Psychology, 20*, 339-343. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.339

Zeanah, C. H., & Scheeringa, M. S. (1997). The experience and effects of violence in infancy. Em J. O. (Ed.), *Children in a violent society* (pp. 97-123). New York: Guilford Press.

Anexos



Estudo sobre o bem-estar das crianças e das famílias no Algarve

Exmo.(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação

Uma equipa de investigação da Universidade do Algarve está a desenvolver um estudo com o objetivo de conhecer o bem-estar das crianças e das famílias no Algarve. Pedimos a sua colaboração no preenchimento destes questionários que são parte fundamental do estudo.

Pedimos que leia as instruções e responda a todas as perguntas de forma espontânea e sincera, de acordo com aquilo que faz, sente ou pensa. Não existem respostas corretas ou erradas, o que nos interessa é a sua opinião. Por favor, responda a todas as questões com o máximo de veracidade e não deixe respostas em branco.

AGRADECEMOS DESDE JÁ A SUA COLABORAÇÃO!

Compreendo que:

- A minha participação neste estudo é inteiramente voluntária;
- Colaborando nesta investigação estou a possibilitar o avanço do conhecimento nesta área, mas que não me podem ser dadas garantias de qualquer benefício direto ou indireto pela minha participação no estudo;
- Posso recusar-me a colaborar nesta investigação, ou retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me traga quaisquer consequências negativas.
- Compreendo ainda que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade e a do meu filho(a) e dados confidenciais jamais poderão ser revelados em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa.

Assinatura do participante: _____

Anexo B. Escala Satisfação Marital ENRICH – versão feminina portuguesa

EMS

(Este questionário será completado pelas participantes que tenham atualmente uma relação estável)

Indica qual é a tua situação atual:

1. Casada /união de facto. ⇨ Desde há quanto tempo? _____
2. Separada/ Divorciada. ⇨ Desde há quanto tempo? _____
3. Solteira.
4. Viúva.

As frases que se seguem tentam refletir a relação que você e o seu companheiro mantêm. Se não encontrar uma resposta que reflita totalmente a vossa relação, assinale a opção que se aproxima mais ao que você pensa. Não pense muito nas frases, a sua resposta deve basear-se na primeira impressão. Por ex.; O meu marido e eu vamos ao cinema. Se vai algumas vezes ao cinema com o seu marido a resposta deveria ser "De acordo".

	Não, totalmente em desacordo	Em desacordo	Não tenho a certeza	De acordo	Totalmente de acordo
1. O meu marido e eu compreendemo-nos perfeitamente					
2. Não gosto das características de personalidade nem dos hábitos do meu marido					
3. Estou muito contente como organizamos no nosso casamento questões como as decisões económicas familiares, as tarefas domésticas, a educação dos filhos... as coisas que um casal pode decidir					
4. O meu marido compreende totalmente o meu estado de ânimo quotidiano					
5. Não estou satisfeita com a nossa comunicação e sinto que o meu marido não me compreende					
6. A nossa relação é perfeita					
7. Estou muito satisfeita com a nossa forma de tomar decisões e resolver problemas					
8. Estou descontente com a nossa situação financeira e com a forma como tomamos decisões sobre esse tema					
9. Tenho algumas necessidades que não são satisfeitas na nossa relação					
10. Estou muito satisfeita como organizamos o tempo que passamos juntos e com as nossas atividades de ócio					
11. Estou muito satisfeita com a nossa forma de expressarmo-nos afeto e com as nossas relações sexuais					
12. Não estou satisfeita com a maneira como nos encarregamos das nossas responsabilidades como pais					
13. Nunca me arrependi da minha relação com o meu marido, nem sequer por um momento					
14. Estou descontente com as nossas relações com familiares e/ou amigos					
15. Sinto-me bem com a forma como praticamos as nossas crenças e valores religiosos					